

ACADEMIA ESCADENSE DE LETRAS

ESCADA

COMO ENSINAR E APRENDER SOBRE NOSSO MUNICÍPIO

Biênio 2016 -2018



**Edições
Rascunhos**

Copyright dos textos @2018 Academias Escadense de Letras
Copyright da edição @ 2018 Edições Rascunhos

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução integral ou parcial deste livro por qualquer meio sem autorização prévia.

aele.escada@gmail.com
www.aele-escada.blogspot.com.br

PROJETO GRÁFICO:
Edições Rascunhos

COORDENAÇÃO EDITORIAL:
Valque Santos

DIAGRAMAÇÃO
Erivaldo Passos

CAPA E ARTE
Adriano Sales

DIGITAÇÃO ELETRÔNICA:
Comissão da AELE

REVISÃO:
Dos Autores

Ficha Catalográfica:

EXPEDIENTE
ACADEMIA ESCADENSE DE LETRAS – AELE
CASA TOBIAS BARRETO
BIÊNIO 2016-2018

Presidente

Ana Lucia Gomes Cavalcanti Neto

Vice-presidente

Adriano de Souza Sales

Secretaria

Teresinha de Jesus Oliveira Guimarães de Melo

Maria Elizabeth Varela Leocádio

Diretoria Financeira

Isabel Cristina Pereira de Oliveira

Vice-diretora financeira

Maria de Lourdes de Carvalho Fragoso

Diretoria Social

Waldyr José Siqueira

Diretoria Jurídica

Severino José Lins

Diretoria de Comunicação

Cícera Maria de Araújo Izídio

Diretoria de Biblioteca

Valdeci Leocádio de Siqueira Filho

Maria de Lourdes Assis

Diretoria de Pesquisa e Extensão

Tarcísio Augusto Alves da Silva

Comissão Acadêmica e Publicação

Valderês Conceição do Monte, Rosilda Araújo da Silva, Maria de Lourdes de Carvalho Fragoso, Elda Quirino Melo dos Santos, Marcelo Ricardo Moreira e Maria Elizabeth Varela Leocádio

Comissão de Ética e Justiça

Francisco de Assis Silva, Maria Patrícia Cabral, Maria de Lourdes de Carvalho Fragoso, Mariinha Leão

Conselho Fiscal

Conselheiros titulares: Luiz Henrique de Albuquerque Bastos, Maria Marta Lima de Souza, Valdeci Leocádio de Siqueira Filho e Eli Rodrigues.

Membros suplentes: Marcos Galdino, Maria Elizabeth Varela Leocádio e Mariinha Leão

Comissão de Cerimonial e Eventos

Maria Marta Lima de Souza, Álex Antony da Cruz Mendonça e Maria de Lourdes Assis.

Oradora

Sevartil Lôbo de Siqueira

Coordenação de Membros Honorários

Flíncia Barboza da Silva

Coordenação de Membros Correspondentes

Silvia Gomes Pereira

Suely Telma Vieira Costa

CONSELHO EDITORIAL

Elda Quirino Melo dos Santos

Faculdades da Escada - FAESC

Rosilda Maria de Araújo

Faculdades da Escada - FAESC

Juliana Alves de Andrade

Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE

Humberto Miranda da Silva

Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE

Marta Margarida de Andrade Lima

Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE

Edson Helly da Silva

Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

Observação aos utilizadores desta obra

Os(as) autores(as) solicitam aos professores (as) que fizerem uso das estratégias didáticas propostas nesse livro que possam enviar críticas, sugestão e comentários para o e-mail: aeleantologia@yahoo.com.br

Esse retorno será de fundamental importância para podermos subsidiar novas publicações.

SUMÁRIO

ESCADA, ENTRE MEMÓRIAS E ESQUECIMENTOS: RESGATANDO OUTROS SUJEITOS

Tarcísio Augusto Alves da Silva..... 11

RESÍDUOS SÓLIDOS URBANOS EM ESCADA

Isabel Cristina Pereira de Oliveira

Alice Sabrina Ferreira da Silva 33

RIO IPOJUCA E OS IMPACTOS AMBIENTAIS: QUANDO O CONTEXTO ESCADENSE TORNA-SE MEIO PARA O DESENVOLVIMENTO DE ATITUDES INVESTIGATIVAS

Ana Lucia Gomes Cavalcanti Neto

Maria de Lourdes de Carvalho Fragoso

Valderês da Conceição do Monte 49

LITERATURA ESCADENSE: UMA PONTE PARA MÚLTIPLOS LETRAMENTOS

Rosilda Maria Araújo Silva dos Santos

José Lucas do Nascimento Barbosa 62

FAMÍLIAS QUE CONTRIBUÍRAM PARA O DESENVOLVIMENTO SOCIAL E ECONÔMICO DO NOSSO MUNICÍPIO

Teresinha de Jesus Oliveira Guimarães de Melo

Waldyr José Siqueira..... 79

A LITERATURA DE CORDEL E SUA RELEVÂNCIA PARA O ENSINO APRENDIZAGEM: UMA PROPOSTA DE OFICINA PEDAGÓGICA

Maria Elizabeth Varela Leocádio

Valdecí Leocádio de Siqueira Filho..... 100

**PRESERVAÇÃO E CONSERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO
HISTÓRICO: UMA AVALIAÇÃO PARA OS BENS IMÓVEIS
NA ÁREA URBANA E RURAL DO MUNICÍPIO DE ESCADA
– PERNAMBUCO**

Álex Ântony da Cruz Mendonça

Mariinha Leão 110

**ESTUDO E ANÁLISE CRÍTICA/INTERPRETATIVA DO HINO
DO MUNICÍPIO DE ESCADA – PE: UMA PROPOSTA
DIDÁTICA REFLEXIVA**

Marcelo Ricardo Moreira 127

APRESENTAÇÃO

Próxima a completar 10 anos de existência, a Academia Escadense de Letras (AELE) soma, em sua trajetória, um conjunto de atividades que testemunham o empenho e compromisso dessa instituição com estímulo e preservação da cultura literária de nossa região.

Dado a heterogeneidade de formação e campos de atuação dos seus membros, é possível estabelecer um diálogo com diversas áreas de conhecimento para além da Literatura. Por isso, a Antologia publicada pela AELE procura contemplar uma edição de poemas, cordéis, contos e poesia em um ano e, noutro, textos acadêmicos que se originam de trabalhos de pesquisas de seus participantes.

No entanto, desde 2016, por ocasião do início da quarta gestão da Academia Escadense de Letras, presidida por Ana Lucia Gomes Cavalcanti Neto, que uma ideia foi semeada: a de contribuir para o ensino de temas relacionados ao município de Escada. Para isso, foi publicada em 2017, uma chamada convocando pessoas residentes no município, ou fora dele, para apresentarem trabalhos que tratassem de algum aspecto de nossa realidade, traduzindo-o em informação e estratégias didáticas de como ensiná-lo em sala de aula.

A materialização dessa ideia foi possível graças ao empenho de um grupo de acadêmicos de nossa instituição que, ao abraçar essa iniciativa, pretendem contribuir

com subsídios para o ensino de temas e problemas associados ao município de Escada.

Portanto, encontram-se aqui reunidos os trabalhos: **Escada, entre memórias e esquecimentos: resgatando outros sujeitos**, que visa promover no debate da formação de nossos estudantes o conhecimento sobre personagens que foram negligenciados e excluídos da história; **Resíduos sólidos urbanos em Escada**, demonstrando como entender que a gestão dos resíduos sólidos urbanos do município de Escada é de fundamental importância para o planejamento e para a administração da cidade no que se refere ao uso e a ocupação do solo urbano. Já o trabalho **Rio Ipojuca e os impactos ambientais: quando o contexto escadense torna-se meio para o desenvolvimento de atitudes investigativas**, preocupa-se em propor uma ação didática que reúne a perspectiva da investigação no ensino e a poluição do rio Ipojuca, com vistas à formação de atitudes investigativas por parte dos estudantes.

Nesse mesmo interesse de focalizar uma ação didática sobre o contexto local o texto **Literatura escadense: uma ponte para múltiplos letramentos** propõe a utilização de autores escadenses no processo de letramento (literário, histórico, geográfico, artístico, cultural e social) dos estudantes.

Em **Famílias que contribuíram para o desenvolvimento social e econômico do nosso município** encontramos subsídios para resgatar a história das famílias responsáveis pelo desenvolvimento social e econômico de Escada, com seus engenhos de cana de açúcar, empresas de grande e pequeno porte e os serviços, como lojas, supermercados, escolas, escritórios contábeis e cartórios.

No Trabalho **A literatura de cordel e sua relevância para o ensino aprendizagem: uma proposta de oficina pedagógica**, os autores apresentam uma proposta de oficina de literatura de cordel para as turmas dos anos iniciais do Ensino Fundamental como uma estratégia de possibilitar o desenvolvimento da habilidade de escrever em versos e rimas.

No texto **Preservação e conservação do patrimônio histórico: uma avaliação para os bens imóveis na área urbana e rural do município de Escada – Pernambuco** encontramos um resgate do patrimônio histórico da cidade de Escada e orientações para uma ação didática possível de ser desenvolvida no ensino fundamental e/ou ensino médio.

Com essa obra a Academia Escadense de Letras – AELE espera poder auxiliar com a tarefa de educar e produzir conhecimento a partir da educação básica. Mais que isso, oxalá esta publicação possa ser um ponto de partida para despertar entre educadores e estudantes a necessidade de investigar e conhecer cada vez mais a história e particularidades de nosso município.

Por fim, o texto estuda e análise crítica interpretativa do hino do município de Escada - PE: uma proposta didática reflexiva, que trará a possibilidade de conhecer e interpretar criticamente o hino da nossa cidade.

ESCADA, ENTRE MEMÓRIAS E ESQUECIMENTOS: RESGATANDO OUTROS SUJEITOS

*Tarcísio Augusto Alves da Silva*¹

Há um provérbio africano que diz: “Enquanto os leões não tiverem seus próprios historiadores, as histórias de caça continuarão a glorificar o caçador.

Introdução

Cada vez mais, presenciamos nas sociedades modernas a força e a coragem de grupos sociais historicamente excluídos pressionando e pautando temas e agendas antes desconsideradas. É o caso do movimento feminista questionando o lugar destinado às mulheres em vários espaços, como na família, na escola, na religião, na política e no trabalho. O mesmo ocorre com o movimento negro problematizando o preconceito, a discriminação racial, a violência, os ataques às religiões afro-brasileiras e a falta de oportunidades resultante de processos longínquos de desigualdade. Outro grupo que se destaca, ao pressionar para que sejam atendidas suas demandas e necessidades, é o LGBT. Suas lutas se orientam pelo reconhecimento

¹ Doutor em Sociologia. Professor do departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal Rural de Pernambuco.

das diferentes formas de orientação sexual e pelo debate sobre gênero, permitindo-se pensar sobre políticas públicas de saúde, educação e trabalho que oportunizem a inclusão social desses sujeitos.

Figura 1 – Religião afro-brasileira



Fonte: O Globo. Cultura 17 fev. 2018.

À escola, como célula de nossa sociedade, é colocado o imperativo de estar aberta ao acolhimento das questões trazidas pelo movimento que esses grupos produzem no sentido de repensarmos comportamentos sociais e, portanto, a maneira como lidamos com as diferenças e os direitos daqueles e daquelas que historicamente foram tomados como desinteressantes e excluídos de qualquer oportunidade.

Cabe, desse modo, iniciarmos uma reflexão profunda sobre o lugar ocupado e a invisibilização dessas populações na história para compreendermos as dificuldades enfrentadas por elas no acesso à qualidade de vida, na desconstrução de estereótipos e na busca pela igualdade de direitos. Do ponto de vista da História ensinada em sala de aula, é preciso questionar: por que os heróis não são

negros? Por que os negros são retratados sempre como escravos e empregados domésticos? Por que o índio é considerado, ainda hoje, um selvagem e apresentado nos livros didáticos como se tivesse existido há 500 anos? Que tipo de educação produz a misoginia e a homofobia e o que as vozes desses sujeitos têm a dizer?

É hora, também, de as escolas de nosso município focalizarem a história local, superando os equívocos de uma versão de mão única que se expressa pelo orgulho de a cidade ser considerada a terra dos barões, sem sequer questionar as relações de poder, dominação e violência que a monocultura da cana-de-açúcar foi capaz de produzir ao concentrar riquezas.

Portanto, a atividade didática **Escada, entre memórias e esquecimentos: resgatando outros sujeitos** se propõe a pensar personagens, menos valorizados ou esquecidos, nos vários momentos do passado (remoto e recente) e no presente de nosso município. A tarefa é investigar as trajetórias e resgatar suas experiências a fim de alimentar um processo de ensino-aprendizagem capaz de ampliar a visão dos estudantes e incluir, em sua formação, os fatos e eventos que nos constroem como povo, podendo — e devendo — ser lidos para além da versão apresentada pelos vencedores ou pela classe dominante.

Acreditamos, desse modo, ser esta a importância do tema escolhido para educação do município: a possibilidade de fornecermos aos estudantes a curiosidade de investigar outros sujeitos históricos e assim problematizar os fatos e eventos que nos são contados. Desse modo, a escolha do tema encontra respaldo na ausência de estudos e fontes de informação e pesquisa sobre ele, justificando sua abordagem na escola, por entender ser possível produzir conhecimento na Educação Básica.

1. A história tradicional – uma façanha dos vencedores

A história que se encontra em livros didáticos é, em geral, definida como tradicional, pois assume para si a tarefa de revelar o passado por meio da seleção de sujeitos, fatos e eventos que contam os acontecimentos de uma época, admitindo-se, por vezes, portadora de uma verdade. Não seria de estranhar que o conteúdo mais frequente e repetitivo desses livros reforce as façanhas dos dominadores/vencedores, tidos como heróis, como o faz. Não bastasse a forma privilegiada com a qual os grupos sociais dominantes – como o branco europeu, as famílias heterossexuais, as religiões oficiais – e o adulto são retratados, “a perspectiva da cultura dominante é de desqualificar as experiências dos grupos populares vivenciadas no passado e, dessa forma, assegurar sua posição hegemônica” (MARCON, 2005:02).

É preciso, pois, proceder a uma crítica a essa tradição historiográfica que privilegia os feitos das elites e dos governantes, deixando de lado a participação dos trabalhadores, das populações tradicionais e das pessoas comuns. O que se procura, propondo essa crítica, é mostrar que grandes monumentos históricos foram construídos por trabalhadores, mas sua memória está vinculada aos feitos dos governantes e à classe dominante das sociedades. Ao mesmo tempo, faz-se necessário ouvir as vozes dos que foram silenciados, daqueles que foram considerados impuros, dos que foram vencidos, de grupos humanos e pessoas não letradas, dos que foram esquecidos ou excluídos da história.

A pergunta inicial é: por que foram excluídos e esquecidos? Dela se desdobram outras questões: quem dis-

se que eles eram impuros, imorais ou incapazes? Quem disse que eles eram atrasados? Qual o propósito de quem afirmou e por que deseja que acreditemos nisso sem oportunizar ouvirmos outras vozes e narrativas da história e assim realizarmos nossas escolhas e interpretações?

As respostas a essas perguntas podem revelar as intenções da história, presentes em muitos livros didáticos, como, por exemplo, a de expor uma *façanha dos vencedores*, seguida da criminalização e da criação de estereótipos sobre os vencidos. Um exemplo disso é a narrativa do “descobrimento do Brasil”, ao nos fazer pensar em uma terra habitada por grupos humanos diferentes do branco europeu e, por isso, despossuídos do poder de reivindicar seu território. Gomes (2017:114-115) reflete sobre isso apresentando mais questionamentos:

Como descobrir um lugar onde centenas de sociedades habitavam? Como descobrir um lugar que só ganharia este nome após a chegada daqueles que alegaram a “descoberta”? E para os povos, erroneamente chamados de “indígenas”, que aqui habitavam, houve um “descobrimento”? E qual seria a versão das memórias indígenas para o chamado “descobrimento”?

Nesse sentido, outras versões da história precisam ser resgatadas e problematizadas a fim de visibilizar diversas formas de conhecimento sobre a realidade social, sejam elas do presente ou do passado. Mas por que é tão necessário que isso aconteça? A escola — sobretudo, a pública — é composta por segmentos de grupos sociais formados por negros, índios, migrantes, mulheres, pessoas de

orientação sexual e religiosa diferentes, deficientes físicos, trabalhadores, etc.

Ocorre que a história, as imagens e os relatos presentes nos livros didáticos tendem a não contribuir para a construção de uma identidade positiva entre essas pessoas, pois sua invisibilidade e as formas estereotipadas de representá-las fornecem os elementos de empatia com outros modos de vida e experiências distantes de sua realidade, mas que são ali valorizados.

Figura 2 – Cacique Chicão, etnia Xucuru de Pesqueira – PE. Assassinado em 1998.



Fonte: Aurora Coletivo de Comunicação²

Numa célebre frase atribuída a Malcolm X, afirma-se: “Se você não for cuidadoso, os jornais farão você odiar as pessoas que estão sendo oprimidas e amar as pessoas que estão oprimindo”. Essa mesma consideração poderá ser utilizada no contexto da história tradicional e dos livros

² Disponível em: https://cdn-images-1.medium.com/max/1600/1*PVP7XXy0xyFW20QgDOxiDQ.jpeg

didáticos que são fornecidos por governos e pelo mercado editorial com os objetivos pedagógicos mais “bem-intencionados”.

Procurando contextualizar esse problema em relação à realidade do município de Escada (PE), poucos estudos têm se concentrado em desconstruir a história tradicional e os conteúdos referentes a ela e aos sujeitos responsáveis por constituí-la. No geral, os conhecimentos praticados fazem referência a toda uma classe de produtores de cana-de-açúcar, seus títulos, propriedades, descendência e poder político-econômico. Noutro campo, há as poucas referências aos povos originários que povoavam essas terras, dando nomes hoje a determinadas localidades como a Ladeira dos Mariquitos. A memória dessas populações é ainda ressaltada na lembrança do mito católico que procura explicar a fundação do município por meio da imagem de Nossa Senhora da Apresentação da Escada. Mas o que se sabe além dessa visão estática construída das populações indígenas de nosso município? E o período da ditadura militar? Que movimentos, pessoas e expressões evidenciaram a resistência ao regime ditatorial?

Hoje, existem três referências importantes que subsidiam uma outra interpretação da história municipal. São elas:

1. SILVA, Edson. **O lugar do índio** – conflitos, esbulhos de terras e resistência indígena no século XIX: o caso de Escada-PE (1860–1880). Universidade Federal de Pernambuco, Departamento de História, Dissertação de mestrado. Recife, 1995.

O trabalho investiga o crescimento dos conflitos provocados pelas invasões de terras indígenas por latifundiá-

rios e a expulsão dos índios para um lugar chamado de Riacho do Mato.

2. CARNEIRO, Ana; CIOCCARI, Marta. **Retrato da repressão política no campo** – Brasil 1962–1985 – Camponeses torturados, mortos e desaparecidos. Brasília: MDA, 2010.

Contém um material riquíssimo sobre a ditadura militar no Brasil e sua repercussão sobre populações rurais. Chama a atenção, nessa publicação, que o primeiro caso a ser analisado seja o de Marcos Martins da Silva, um dos fundadores e o primeiro presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Escada (PE).

3. EISENBERG, Peter L. **Modernização sem mudança: a indústria açucareira em Pernambuco: 1840–1910**. Rio de Janeiro: Paz e Terra; Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1977.

Traz diversas informações sobre um período áureo da história de Escada e, em tom crítico, demonstra que a modernização ocorrida com a transformação de engenhos em usinas de açúcar não alterou as condições sociais da maioria da população, que continuou na pobreza.

Como se vê, são poucas as referências a auxiliar a formação de um espírito crítico entre nossos estudantes e comunidade em geral no tocante à formação de nosso passado. Nesse sentido, faz-se necessário um investimento mais profundo em alternativas que permitam a construção de outros olhares e tragam o eco de outras vozes, a fim de acessarmos uma história para além das façanhas

dos vencedores. Para que isso seja possível, discutiremos, a seguir, os conceitos de *memória* e *cotidiano* como fontes de investigação social.

2. Memória: pra que te quero?

De uso corrente, a palavra *memória* é vulgarmente utilizada para fazer referência a um processo parcial e limitado de lembranças de fatos acontecidos, sendo possível, por ela, um indivíduo resgatar o passado. “Há ainda uma significação vulgar que remete a Memória a uma categoria estática relacionada à imagem de depósito de dados. A Memória surge então como mera atualização mecânica de vestígios” (BARROS, 2009:70).

No entanto, a memória deve ser entendida como uma instância criativa que institui identidades e, com isso, assegura a permanência de grupos. À medida que ela é mantida, pode contribuir para que a coesão social entre as pessoas seja estimulada, garantindo, assim, a reprodução de antigas tradições e aspectos voltados à reprodução social da comunidade.

De qualquer maneira, não podemos esquecer que ela é, também, passível de manipulação pelos grupos dominantes de uma época e sociedade quando se veem ameaçados pelos fatos que podem emergir e afetar seus poderes e privilégios. Gomes (2017) exemplifica isso citando a ditadura civil-militar no Brasil, demonstrando como arquivos e documentos foram extraviados intencionalmente, evidenciando um trabalho de “ocultação de uma memória em detrimento de outras, assim como um movimento atual de revisão deste passado, à luz da pesquisa em fontes históricas e suas publicizações para amplos setores interessados da sociedade brasileira” (115-116).

Figura 3 – Ditadura militar



Fonte: Guia da semana – São Paulo.³

Do ponto de vista de sua origem, a memória pode ser *individual* ou *coletiva*. Ela é individual no momento em que se refere às vivências e experiências de uma pessoa. No entanto, como ninguém é uma ilha, essa memória é portadora de aspecto do grupo social onde o indivíduo foi educado e socializado. Assim, a *memória coletiva* é manifestada em fatos e aspectos considerados relevantes para uma coletividade, uma espécie de memória oficial da sociedade mais ampla, expressa em eventos, monumentos, hinos oficiais, quadros, rituais e obras literárias e artísticas que conseguem exprimir símbolos de um passado coletivo de uma dada comunidade.

Pollak (1992) considera três elementos constitutivos da memória individual e coletiva: A) Os *acontecimentos* ligados à experiência pessoal ou aqueles “vividos por tabela”, ou seja, “[que] a pessoa nem sempre participou, mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo e, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber

³ Disponível em: <https://gds.portal5g-media.com/contentFiles/system/pictures/2014/3/110173/cropped/golpe-editada.jpg>

se participou ou não” (p. 02). B) Os *personagens*, que são pessoas que realmente encontramos no decorrer da vida ou que indiretamente se transformaram quase que em conhecidas. C) Os *lugares*: “Existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico” (p. 03) (como um lugar de férias da infância que não se sabe localizar a data precisa).

Por fim, podemos ainda afirmar que a memória pode ser uma excelente estratégia de resgate da história, seja ela escrita ou oral. Cabe à escola saber fazer o melhor uso dessa ferramenta e trazer à tona uma gama de possibilidades para o melhor entendimento das relações entre grupos, instituições e pessoas. Entretanto, só poderemos superar uma narrativa de história tradicional se outras memórias, além das pertencentes aos grupos dominantes, forem acessadas, fornecendo, assim, mais elementos para uma melhor interpretação da realidade.

3. O cotidiano como lugar de investigação

Não há nada mais familiar que o cotidiano. Nele estão inscritas as pequenas frações de nossas experiências como indivíduos e coletividade, que, agrupadas, fornecem uma teia de conexões, nos ajudando a compreender as particularidades de nossa formação. A vivência produzida pela experiência se dá por uma espécie de repetição, nos eventos diários, como o acordar, o comer, o trabalhar, o descansar e o dormir, além de tantas outras atividades mantidas ao longo da vida dos indivíduos e de suas comunidades. Afetam o cotidiano, acontecimentos felizes

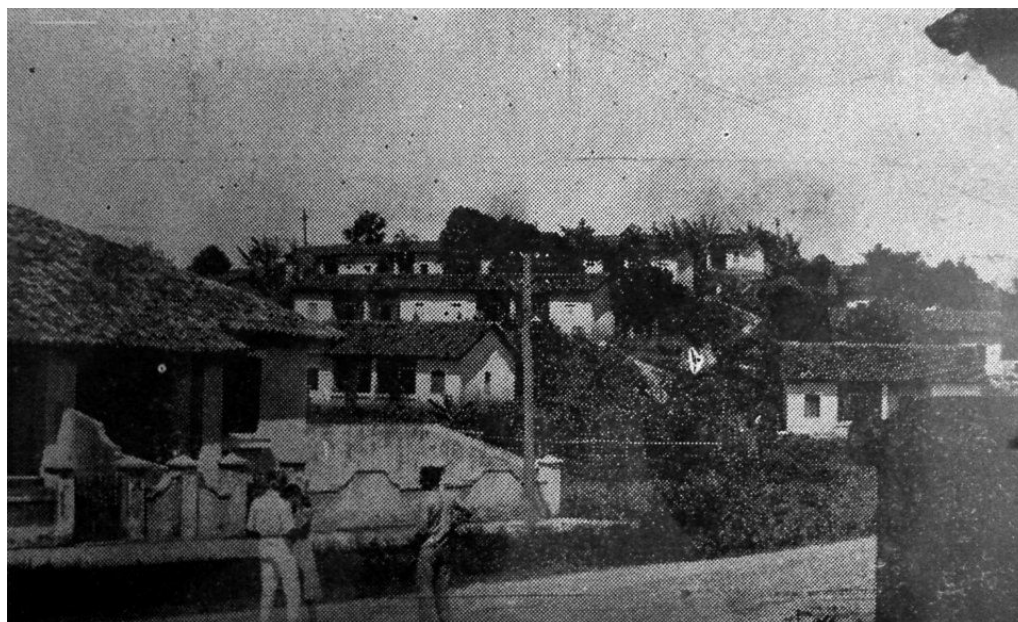
ou frustrantes, fazendo com que a rotina seja quebrada, mas, ao mesmo tempo, externalizando os valores e aprendizados recebidos pelos sujeitos para lidar com essas situações.

Para Heller (2008:310),

A vida cotidiana é a vida do homem *inteiro*; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se em 'funcionamento' [...] suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias e ideologias.

Sendo assim, o cotidiano se apresenta como uma fonte inesgotável para compreensão da história e da realidade social contidas no dia a dia das pessoas, comunidades e sociedades.

Figura 4 – Registro da Vila Operária. Data incerta.



Fonte: Memórias De Escada <https://www.facebook.com/memoriasdeescada>

O cotidiano se inscreve em um campo de interesse da Sociologia, e o sociólogo pernambucano Gilberto Freyre, conhecido mundialmente por sua obra *Casa-grande & senzala*, é quem mais contribuiu, no Brasil, para o seu estudo. Ele reconstrói, a partir da investigação do cotidiano, as relações que tornaram possíveis o sistema de trabalho escravo em nosso país. Foi, inclusive, pesquisando no dia a dia daquelas coisas consideradas desprezíveis ou menos importantes (como o ato de defecar) que ele conseguiu demonstrar como ao “sistema de higiene dos despejos, então dominantes, estava ligada toda uma complexa estrutura que incluía a desvalorização das praias, dos pés de pontes [...]” (2201:74) e refletiam muitos aspectos das relações entre as classes e do ser humano com o meio, a paisagem e a água.

Para investigar o cotidiano, o sociólogo dará atenção aos documentos pessoais e confidenciais, biografias, autobiografias, cartas, testemunhos orais, anúncios de jornais⁴. No tocante a Freyre, Leão e Barros (2009) lembram que ele investigava a história oral, álbuns de família, tradições transmitidas entre gerações, a história da aristocracia canavieira, dando espaço a personagens considerados secundários para a historiografia social, como os ambulantes, as quituteiras e os escravos.

4. Como ensinar e aprender sobre nosso município: o resgate dos esquecidos

Em uma escola plural, há o reconhecimento da presença e a expressão dos mais diversos sujeitos que a com-

4 A técnica de investigar anúncios de jornais (anunciologia) foi introduzida por Gilberto Freyre em seu livro *O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX*. Recife: Imprensa Universitária, 1963.

põem. O maior desafio imposto ao seu modelo educativo está justamente em visibilizar corpos, ideias, valores e crenças dando voz a esses grupos, de modo a garantir direitos iguais para o exercício de uma cidadania plena, permitindo aos estudantes o acesso a uma formação que privilegie o diálogo e o respeito às diferenças.

Uma forma coerente de enfrentar esse desafio é propor um percurso investigativo dos grupos sociais que formam a sua comunidade, evidenciando a trajetória de pessoas e coletivos historicamente excluídos e pouco visibilizados pela história local. O objetivo dessa experiência é pensar como as práticas de exclusão, resistência ou luta compõem um quadro de referências para entender e superar as formas de desigualdades que marcam nosso processo histórico. Diante disso, sugerimos as atividades a seguir como possibilidades didáticas.

4.1 Roteiro de orientação didática

ATIVIDADE I

Título da atividade: Índios de Escada: o que aconteceu com eles?

Público: Ensino Fundamental – 9º ano.

Objetivos:

Geral: Entender por que e como os índios de Escada desapareceram da história municipal.

Específicos:

- a) Verificar as disputas pelas terras indígenas em Escada.
- b) Conhecer a reação dos índios à sua expulsão e extinção do aldeamento.

Tempo: 12 aulas de 50 min.

Total de participantes: 30 estudantes, divididos em 5 grupos. Caso a turma seja maior, dividir proporcionalmente.

Disciplinas e conceitos envolvidos: Sociologia (conflitos sociais), História (Lei nº 11.645/08, indígenas, sociodiversidade), Geografia (território e território indígena) e Língua Portuguesa (leitura e produção textual).

Material necessário: a) Tarjetas de papel para realizar a tempestade de ideias entre os estudantes; b) som e projetor de vídeo para exibição do documentário: *À sombra do delírio verde*⁵; c) II capítulo (páginas 37–61) da dissertação de mestrado *O lugar do índio – conflitos, esbulhos de terras e resistência indígena no século XIX: o caso de Escada-PE (1860–1880)*, de Edson Silva.

Descrição da atividade:

1ª e 2ª aulas – História: Realizar uma tempestade de ideias sobre quem são os índios brasileiros na concepção dos estudantes. Que imagens eles têm dos índios? Exibir o documentário *À sombra de um delírio verde*⁶ (disponível na internet). Discutir o documentário a partir das seguintes indagações: a) O que mais nos chama a atenção nesse documentário? Que ligações podemos fazer com a história relatada no documentário e a dos índios de Escada?

3ª aula – História: Dividir a turma em 5 grupos e distribuir II capítulo (páginas 37–61) da dissertação de mes-

5 Disponível em: <http://www.videocamp.com/pt/movies/a-sombra-de-um-delirio-verde-49e3c0f3-8e48-4979-b8f9-a9d44b2a8ee5>

6 Título Original: **The dark side of green**. Gênero: Documentário. Produção: Argentina, Bélgica, Brasil. Tempo de duração: 29 min. Ano de lançamento: 2011. Direção, produção e roteiro: An Baccaert, Cristiano Navarro e Nicolas Muñoz. Narração em português: Fabiana Cozza.

trado *O lugar do índio – conflitos, esbulhos de terras e resistência indígena no século XIX: o caso de Escada-PE (1860–1880)*⁷, de Edson Silva. Efetuar a leitura do texto com os alunos. Cada grupo deverá apresentar uma parte específica do texto em forma de um seminário (em aula posterior), procurando explicar por que ocorriam disputas pelas terras indígenas em Escada e quais eram os principais grupos envolvidos.

4ª aula – Sociologia: Discutir com os estudantes o conceito de *conflitos sociais* para que eles possam ter uma melhor compreensão de por que esses processos se desenvolvem.

5ª e 6ª aulas – Geografia: Discutir com os estudantes os conceitos de *território* e *territórios indígenas* para que eles possam ter uma melhor compreensão de como o território é construído.

7ª e 8ª aulas – Língua Portuguesa: Realizar orientações gerais sobre produção textual e texto de opinião.

9ª e 10ª aulas – Sociologia, Geografia, História e Língua Portuguesa: Organizar a apresentação dos seminários, com a participação de todos os professores das disciplinas envolvidas. Após a apresentação dos grupos, abrir um momento para refletir: qual a semelhança entre o passado dos índios escadenses e o documentário *À sombra do delírio verde*? Ao final, solicitar a produção de texto com o título: *Por que e como os índios de Escada desapareceram da história municipal?*

11ª e 12ª aulas – Língua Portuguesa: Acompanhar as produções textuais. Definir a data de entrega final do tex-

⁷ O material pode ser baixado da internet pelo endereço: http://indiosno-nordeste.com.br/wp-content/uploads/2012/08/Disserta%C3%A7%C3%A3o_Edson.pdf.

to aos professores.

Formas de avaliação: Os estudantes poderão ser avaliados por sua participação nas atividades: os debates, o seminário e a produção escrita.

ATIVIDADE II

Título da atividade: *No apito da fábrica, quem acordava?*

Público: Ensino Médio – 1º Ano.

Objetivos:

Geral: Conhecer a história dos(as) operários(as) da Companhia Industrial Pirapama.

Específicos:

- a) Resgatar as origens dos(as) antigos(as) operários(as) da fábrica.
- b) Investigar o seu cotidiano, suas principais formas de lazer e organização sindical.
- c) Descobrir como viviam os(as) operários(as) de Escada (PE) nos anos de 1990.

Tempo: 17 aulas de 50 min.

Total de participantes: 30 estudantes, divididos em 5 grupos. Caso a turma seja maior, dividir proporcionalmente.

Disciplinas e conceitos envolvidos: Sociologia (modo de produção capitalista, sindicalismo), História (Revolução Industrial) e Língua Portuguesa (leitura e produção textual).

Material necessário: Cópias do texto *Perguntas de um trabalhador que lê*, de Bertolt Brecht.

Descrição da atividade:

1ª e 2ª aulas – História: Distribuir e ler o texto *Pergun-*

tas de um trabalhador que lê.

Perguntas de um trabalhador que lê - Bertolt Brecht

Quem construiu Tebas, a das sete portas?
Nos livros vem o nome dos reis,
Mas foram os reis que transportaram as pedras?
Babilônia, tantas vezes destruída,
Quem outras tantas a reconstruiu? Em que casas
Da Lima Dourada moravam seus obreiros?
No dia em que ficou pronta a Muralha da China para
onde
Foram os seus pedreiros? A grande Roma
Está cheia de arcos de triunfo. Quem os ergueu? Sobre
quem
Triunfaram os Césares? A tão cantada Bizâncio
Só tinha palácios
Para os seus habitantes? Até a legendária Atlântida
Na noite em que o mar a engoliu
Viu afogados gritar por seus escravos.
O jovem Alexandre conquistou as Índias
Sozinho?
César venceu os gauleses.
Nem sequer tinha um cozinheiro ao seu serviço?
Quando a sua armada se afundou Filipe de Espanha
Chorou. E ninguém mais?
Frederico II ganhou a guerra dos sete anos
Quem mais a ganhou?
Em cada página uma vitória.
Quem cozinhou os festins?
Em cada década um grande homem.
Quem pagava as despesas?

Tantas histórias
Quantas perguntas

Apresentar aos estudantes as seguintes questões: quem são aqueles(as) esquecidos(as) pela história? Por que as pessoas comuns, como os operários, são excluídas da história? O professor poderá trabalhar em sala de aula esse texto: *Escada, entre memórias e esquecimentos: resgatando outros sujeitos*, com o objetivo de fazer com que os estudantes se apropriem do tema do debate.

3ª aula – História: Organizar a atividade de pesquisa. Solicitar que a turma realize um levantamento de fotos, jornais e objetos que retratem os vários momentos da Companhia Industrial Pirapama junto à comunidade, de modo a representar sua história e importância econômica para o município. Montar uma pequena exposição com os achados trazidos pelos estudantes.

4ª e 5ª aulas – Sociologia: Apresentar aos estudantes o surgimento do modo de produção capitalista e como e por que nasceram os primeiros sindicatos.

6ª e 7ª aulas – História: Organizar montagem e exposição de fotos e objetos sobre história e importância econômica da Companhia Industrial Pirapama para o município de Escada.

8ª e 9ª aulas – Sociologia: Organizar a atividade de pesquisa e orientar os estudantes a realizar entrevistas com antigos operários (aposentados) da Companhia Industrial Pirapama, seguindo o roteiro abaixo:

- 1) O que você fazia antes de ser operário da fábrica?
De onde veio?
- 2) Com quantos anos deu início ao seu trabalho na

Pirapama? Como foi essa experiência? Em que setor da fábrica você trabalhou?

- 3) Quais foram os pontos positivos e negativos do trabalho na Pirapama?
- 4) Como eram as condições de trabalho e salário? Você participava do sindicato?
- 5) Qual o momento mais marcante de sua trajetória na Pirapama? Por quê?
- 6) Em relação ao lazer, qual era a diversão dos operários?
- 7) Como era a vida na vila operária até os anos de 1990?
- 8) O que a Pirapama representou para você?

O professor deve orientar os estudantes a se dividirem em 5 grupos. Cada grupo deverá entrevistar 3 operários de diversos setores da Companhia Industrial Pirapama e realizar uma síntese das entrevistas. Os alunos poderão ainda coletar fotos, objetos, etc. para a apresentação. Em seguida, deverão responder: a) O que há em comum nos depoimentos coletados? b) O que vocês aprenderam sobre o passado de nossa cidade a partir das entrevistas? c) O que mais os marcou na realização desta atividade? Essas questões, além da apresentação oral, podem ser apresentadas em forma de relatório.

10^a e 11^a aulas – Sociologia e História: Orientar os alunos na realização do trabalho de campo, coletando os dados.

12^a e 13^a aulas – Sociologia, História e Língua Portuguesa: Orientar os alunos na organização dos dados coletados para apresentação.

14ª e 15ª aulas – Sociologia, História e Língua Portuguesa: Organizar os grupos para a apresentação dos resultados.

16ª e 17ª aulas – Sociologia: Exibir o documentário *O tecido da memória*, de José Sérgio Leite Lopes, Rosilene Alvim e Celso Brandão. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MRsQU4Pt-QI>.

Formas de avaliação: Os estudantes poderão ser avaliados por sua participação nas atividades: os debates, o seminário, a exposição e a produção escrita.

Referências

BARROS, José D'Assunção. História e memória: uma relação na confluência entre tempo e espaço. In: GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes; SANTOS, Nádia Maria Weber (orgs.). **Memória Social:** questões teóricas e metodológicas. Canoas: Unilasalle, 2013.

BRECHT, Bertold. **Perguntas de um trabalhador que lê.** Disponível em: <http://renemendes.com.br/arte-do-trabalho/perguntas-de-um-trabalhador-que-le-bertolt-brecht/>. Acesso em: 29 mar. 2018.

FREYRE, Gilberto. **Antecipações.** NERY, Edson da Fonseca (org.). Recife, Edupe, 2001.

GOMES, Alexandre Oliveira. Memória e patrimônio cultural dos povos indígenas: uma introdução ao estudo da temática indígena. In: SILVA, Tarcísio Augusto; ANDRADE, Juliana A. (orgs.) **O ensino da temática indígena** – subsídios didáticos para o estudo das sociodiversidades indígenas. Recife: Edições Rascunho, 2017. v. I. 242p.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

MARCON, Telmo. Cultura popular e memória: desafios e potencialidades pedagógicas. In: **28ª Reunião Anual da Anped**, 2005, Caxambu/MG. 40 anos de Pós-graduação em Educação no Brasil, 2005. v. 1. p. 1-14.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: **Estudos Históricos**, 5 (10). Rio de Janeiro: FGV, 1992, p. 200-212.

TECIDO MEMÓRIA. Produção e direção de José Sérgio Leite Lopes, Celso Brandão e Rosilene Alvim. Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ, 2009. DVD (70 min), son., color.

Indicação de pesquisa

O app “**Memórias de Escada**” é uma iniciativa da Secretaria de Educação da Escada que visa preservar a história do município. Ele pode ser baixado no endereço: <http://app.vc/memoriasdeescada>

RESÍDUOS SÓLIDOS URBANOS EM ESCADA

Isabel Cristina Pereira de Oliveira⁸

Alice Sabrina Ferreira da Silva⁹

Entender a gestão dos resíduos sólidos urbanos do município de Escada é de fundamental importância para o planejamento e para a administração da cidade no que se refere ao uso e à ocupação do solo urbano. Essa gestão deve compreender as ações de controle e combate aos impactos ambientais causados pela destinação inadequada dos resíduos sólidos, seja na saúde, no ecossistema ou no ambiente urbano. Essa discussão também implica que viver bem significa, dentre outras coisas, viver em uma cidade limpa e organizada. Essa temática contribuirá sobremaneira para ações de cidadania e de pertencimento à cidade, especialmente no que se refere ao zelo e ao trato na gestão dos resíduos sólidos urbanos do município.

A destinação correta e adequada dos resíduos é, atualmente, uma das principais preocupações ambientais

⁸ Graduada em Ciências Econômicas, Mestre em Ciência Ambiental, Doutora em Desenvolvimento Urbano. Atualmente é professora Adjunta do Curso em Ciências Econômicas da UFRPE e acadêmica efetiva da Academia Escadense de Letras.

⁹ Graduada em Licenciatura em Química, Especialista em Educação Ambiental e Sustentabilidade, Mestre em Tecnologias Energéticas e Nucleares. Atualmente é Doutoranda em Tecnologias Energéticas e Nucleares, atua na área de Produção Sustentável de B combustíveis, Energia de Biomassa e Sustentabilidade. É Coordenadora Acadêmica da Geominds Free Education e Jovem Intelectual da Academia Escadense de Letras.

em todo planeta. Na maioria das vezes, os resíduos são descartados no meio ambiente de forma inadequada, resultando na contaminação do solo e das águas, causando prejuízos ambientais, sociais e econômicos (JUNHO, 2004).

Apesar de a maioria dos tipos de resíduos gerados interferirem de maneira negativa sobre o meio ambiente, os resíduos sólidos, em relação aos resíduos líquidos e gasosos, são gerados em maior quantidade. A característica que difere os resíduos sólidos dos demais é a produção em larga escala em espaços domésticos e comerciais, principalmente nas residências e centros urbanos. Por isso, a participação ativa da população é decisiva, pois as chances de reaproveitamento dos resíduos caem significativamente se não houver previamente a segregação adequada (DEMAJOROVIC, 1995).

Abramovay et al. (2013) relataram que o crescimento da produção dos resíduos no Brasil é muito grande comparada aos métodos de tratamento empregados. Embora o número de aterros sanitários venha apresentando crescimento significativo desde o início do século XXI, ainda não são o bastante para suportar a grande quantidade de resíduos gerados diariamente. Além disso, o aumento dos aterros é um processo de alto custo, pois requer uma estrutura específica para proteção do meio ambiente e, principalmente, por possuir tempo de vida útil relativamente curto, não sendo uma alternativa sustentável no longo prazo (Tabela 1).

Tabela 1: Destinação final de resíduos sólidos no Brasil

Destinação final	%
Aterros sanitários	58,4
Aterros controlados	24,2
Aterros sanitários	17,4
Total	100

Fonte: ABRELPE (2016)

A quantidade crescente dos resíduos gerados tem impulsionado a população mundial a buscar novas alternativas sustentáveis, com o intuito de diminuir a poluição ambiental. A coleta seletiva é uma opção bastante adotada. Pereira Neto (2010) acredita que se houver a separação correta dos resíduos, de maneira sustentável, a reciclagem poderá ser o destino de boa parte do resíduo gerado.

1. Resíduos Sólidos

Originalmente, a palavra *resíduo* vem do latim, e significa o que sobra de determinada matéria, e sólido é incluído para diferenciá-lo dos resíduos classificados como líquidos e gasosos (BIDONE e POVINELLI, 1999).

Segundo definições da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT, 2014) NBR- 10.004/2004.

Resíduos nos estados sólidos e semi-sólidos, são aqueles que resultam de atividades de origem industrial, doméstica, hospitalar, comercial, agrícola, de serviços e de varrição. Ficam

incluídos nesta definição os lodos provenientes de sistemas de tratamento de água, aqueles gerados em equipamentos e instalações de controle de poluição, bem como determinados líquidos cujas particularidades tornem inviável seu lançamento na rede pública de esgotos ou corpos de águas, ou exijam para isso soluções técnicas e economicamente inviáveis em face à melhor tecnologia disponível (ABNT – NBR 10.004/2004).

Os resíduos sólidos podem ser classificados de acordo com a sua origem; a) urbano: que englobam os resíduos gerados em residências, comércio e centros urbanos; b) industrial: no que se referem a resíduos provenientes de processos industriais, esses geralmente são tóxicos; c) serviços de saúde: que enquadram os resíduos sólidos de hospitais, clínicas veterinárias, posto de saúde, dentre outros; d) radioativos: que abrangem os resíduos de origem atômica, esses resíduos são gerenciados de acordo com a legislação vigente, estando sob responsabilidade do Conselho Nacional de Energia Nuclear (CNEM); e) agrícolas: em que se inclui os resíduos dos processos agrícolas. (ABNT, 2004).

De acordo com a NBR-10.004, os resíduos devem ser classificados quanto a sua periculosidade, é considerado perigoso todo o resíduo que apresentar em suas propriedades químicas, físicas e infectocontagiosas riscos à saúde pública e/ou ao meio ambiente.

Os resíduos sólidos ainda podem ser classificados segundo o grau de degradabilidade, sendo assim classificados em: a) facilmente degradáveis como, por exemplo, a matéria orgânica presente nos resíduos sólidos de origem

urbana; b) moderadamente degradáveis: é o caso dos materiais celulósicos, papéis e papelão; c) dificilmente degradáveis: são os pedaços de pano, madeira, couro, borracha; d) não degradáveis: neles estão inclusos os vidros, metais, pedras, plásticos, entre outros (BIDONE e POVINELLI, 1999).

1.1 Resíduos sólidos urbanos

Os resíduos sólidos urbanos são gerados em residências, escolas, indústrias, comércios e demais espaços urbanos. Possuem grande quantidade de materiais recicláveis, porém ainda não há um programa que reutilize todo o volume produzido. Os resíduos podem ser reciclados através de usinas sofisticadas ou de procedimentos simples como trituração e maturação dos resíduos alimentícios, vegetais e torta de lodo. Esses resíduos podem ser transformados em adubo orgânico, por meio de compostagem, que pode ser realizada em espaços pequenos, com pequenas quantidades de materiais (KIEHL, 1985).

No Brasil, em 2016, os sistemas de limpeza urbana coletavam aproximadamente 219 mil toneladas de resíduos sólidos diariamente. Deste total, apenas 58,4% foram descartados em aterros sanitários os demais 41,6% foram depositados indevidamente em lixões e aterros controlados. Entretanto, o número de aterros sanitários vem crescendo significativamente, segundo o Panorama de Resíduos Sólidos no Brasil (ABRELPE, 2016).

De acordo com Inácio e Miller (2009), a gestão urbana dos resíduos sólidos tem enfatizado a importância da utilização de embalagens recicláveis para reduzir a quantidade de resíduos produzidos. É importante diminuir

a quantidade de resíduos que são encaminhados diariamente aos lixões e aterros, pois só devem ser descartados em aterros aqueles resíduos que não possuem nenhuma outra forma de reciclagem, aumentando assim a vida útil do aterro sanitário. Apesar desses esforços, a realidade dos centros urbanos no Brasil é bastante precária: apenas uma pequena parte desses resíduos é encaminhada para a reciclagem e grande parte é descartada de maneira incorreta, contribuindo para a poluição e para o impacto ambiental.

Segundo Soares (2011) atualmente são utilizados três métodos para destinação final dos resíduos: lixão, aterros controlados e aterros sanitários. O lixão (Figura 1 A) é considerado a prática mais inadequada e ineficiente para destinação final dos resíduos sólidos urbanos, pois a destinação sem tratamento prévio apresenta sérios riscos à saúde pública e ao meio ambiente.

O aterro controlado, como podemos ver na (Figura 1 B), é a atividade que destina os resíduos, compacta e realiza a cobertura necessária, porém não controla os gases gerados, não impermeabiliza o solo e, principalmente, não trata os resíduos lixiviados, também comprometendo o meio ambiente e a saúde pública. O aterro sanitário é atualmente considerado o melhor método empregado na destinação final dos resíduos sólidos urbanos por possuir alguns métodos de engenharia e normas operacionais que apresentam um controle mais eficiente e seguro para o meio ambiente e para a sociedade (ABNT, 2004).

A construção de aterros sanitários (Figura 1 C) apresenta custo elevado e o método de tratamento requer muita atenção. Assim, mesmo apresentando menos impactos causados ao meio ambiente, é necessário reduzir

a quantidade de resíduos sólidos enviados aos aterros no Brasil, principalmente por apresentarem vida útil curta, de aproximadamente 20 anos. A fração orgânica dos resíduos sólidos domésticos equivale, em peso, de 45 a 60% do material coletado e, quando é depositada em aterros sem o devido tratamento, propicia o aparecimento de vetores, a geração de chorume e a emissão do gás metano para atmosfera (INÁCIO e MILLER, 2009).

Figura 1. Diferentes tipos de destinação de resíduos sólidos utilizados no Brasil



Fonte: Google Imagens (2017)¹⁰

De acordo com a Lei Federal Nº 12.305/2010 que instituiu a Política Nacional de Resíduos Sólidos - PNRS (BRASIL, 2010) em seu artigo 3º, toda a instituição pública ou privada é responsável pelos resíduos sólidos gerados e está permanentemente proibido o encaminhamento de rejeitos para os aterros sanitários, que passa a ser a única forma de destinação final legal no país.

¹⁰ Foto A: <http://g1.globo.com/pernambuco/noticia/2014/10/mppe-vai-processar-municipios-que-nao-se-adequarem-lei-do-lixo.html>. Acesso em: 29 out. 2017.

Foto B: <http://www.dinamicambiental.com.br/blog/sem-categoria/saiba-funciona-aterro-controlado/> Acesso em 29 out. 2017.

Foto C: <http://www.pensamentoverde.com.br/wp-content/uploads/2013/07/aterro2.jpg> Acesso em 29 out. 2017.

2. Resíduos sólidos urbanos em Escada

E como está a gestão e o descarte dos resíduos sólidos em Escada? De acordo com a Lei Orgânica do município (1990), em seu capítulo III da Política Urbana, seção I do Desenvolvimento Urbano diz que:

Artº 115, § 2º, no estabelecimento de diretrizes e normas relativas ao desenvolvimento urbano, o município, respeitando o programa de execução deverá assegurar: a administração dos resíduos sólidos no meio urbano, através do procedimento de coleta, captação e disposição final, de forma a assegurar a preservação sanitária e ecológica.

Até 2005, o descarte dos resíduos sólidos urbanos em Escada era feito em um lixão a céu aberto localizado na Fazenda Santa Cristina, às margens da BR 101, com perspectiva de implantação de um aterro sanitário consorciado com os municípios de Primavera e Amaraji, financiado pelo Programa de Apoio ao Desenvolvimento Sustentável da Zona da Mata Sul de Pernambuco - PROMATA (OLIVEIRA, 2006).

Após a sua implantação, ocorrida em meados de 2008, o aterro sanitário funcionou de forma precária em um Consórcio Intermunicipal de Resíduos Sólidos com a participação de 7 (sete) municípios: Escada, Cortês, Chã Grande, Barra de Guabiraba, Primavera, Amaraji e Ribeirão. Sem uma gestão adequada, o aterro sanitário se transformou em um lixão, gerando grandes impactos am-

bientais e de saúde pública para os residentes vizinhos ao local. Na perspectiva de resolver esse problema, o Ministério Público de Pernambuco (2014) reuniu os gestores municipais para assinarem um Termo de Compromisso Ambiental (TCA) com o “objetivo de devolver ao lixão de Escada à condição de aterro sanitário” (MPPE, 2014). Além disso, esse TCA foi assinado para que o consórcio se adequasse à nova legislação federal para a erradicação dos lixões no Brasil, ou seja, a Lei Nº 12.305/2010, para que os resíduos fossem objetos de reutilização, reciclagem e compostagem.

Essa ação resultou em melhorias significativas na gestão municipal dos resíduos sólidos urbanos e no descarte adequado dos resíduos (Figura 2).

Figura 2: Aterro sanitário do município antes e depois da assinatura do TCA



Fonte: <http://www.avozdavitoria.com/acao-de-orgaos-de-controle-no-municipio-de-escada-transformam-lixao-em-aterro-sanitario/>

Entretanto, é preciso considerar que, para que as tecnologias utilizadas nos aterros sanitários tenham um maior tempo de vida útil, se faz necessário que haja no

município uma gestão integrada dos resíduos sólidos urbanos com a inclusão do trabalho desenvolvido pelos catadores de materiais recicláveis e reutilizáveis. Para a PNRS, os catadores de materiais reutilizáveis e recicláveis, profissão reconhecida pelo Ministério do Trabalho e Emprego desde 2002, exercem papel fundamental para a triagem, classificação, processamento e comercialização desses materiais e os redirecionando para atividades produtivas.

O trabalho desenvolvido pelos catadores contribui para a geração de emprego e renda, além de colaborarem para a redução de materiais descartados diariamente nos aterros e lixões brasileiros. Nessa perspectiva, a Cooperativa de Reciclagem de Escada – COOCICLE, tem desenvolvido um trabalho de coleta seletiva nos bairros do município, com campanhas para separação de recicláveis e calendário de coleta em dias e horários diferenciados da coleta de resíduos do município (Figura 3).

Figura 3: Cooperativa de Reciclagem de Escada



Fonte: Coocicle. Disponível em: <https://www.facebook.com/coocicle.escada>

A COOCICLE conta atualmente com 15 associados e funciona às margens da BR 101 Sul, no bairro da Mangueira. A partir de parcerias realizadas com a Prefeitura do município e com o apoio institucional do Serviço Social da Indústria (SESI), a cooperativa dispõe de 5 (cinco) bicicletas adaptadas com uma caixa coletora que facilitam a coleta dos materiais recicláveis e melhoram as condições de trabalho dos catadores.

Figura 4: Bicicleta da cooperativa de reciclagem



Fonte: Coocicle. Disponível em: <https://www.facebook.com/coocicle.escada>

Os principais materiais reciclados são papel/papelão, plástico, alumínio e cobre, com uma média de 14 (catorze) toneladas de material coletado por mês. Além disso, vem trabalhando como agente de sensibilização/conscientização de empresas industriais e comerciais para serem fornecedoras diretas desse material para a cooperativa. Esse trabalho, além de reduzir o impacto ambiental pelo descarte inadequado desses resíduos, é gerador de emprego e renda para os catadores do município, o que dá dignidade às pessoas que trabalham com coleta seletiva.

3. Atividade Didática

Título	Como está a gestão dos resíduos sólidos em Escada?
Público	Alunos do Ensino Fundamental (8º e 9º anos) Alunos do Ensino Médio (1 e 2º anos)
Objetivos	Geral: conhecer a gestão municipal dos resíduos sólidos em Escada Específicos: 1. Identificar problemas relacionados à gestão municipal dos resíduos sólidos; 2. Propor ações para resolução dos problemas identificados.
Tempo	6 semanas
Participantes	30 a 40 alunos
Disciplinas envolvidas	Geografia / Ciências / História / Sociologia / Português e Linguagens
Conceitos sugeridos a serem explorados	Geografia: solo, água, impactos ambientais, espaço geográfico, localização do aterro, ocupação do solo urbano, cidades etc; Ciências: impactos ambientais, ecologia, ciclo da água, solo, efluentes líquidos e atmosféricos, contaminação hídrica, vetores, reciclagem etc. História: o homem e sua relação com o meio ambiente, como os resíduos foram descartados ao longo do tempo, aumento populacional, o início das cidades, modelos econômicos, etc. Sociologia: consumo, modelo de desenvolvimento capitalista, desperdício, distribuição da riqueza e da pobreza no mundo, resíduos sólidos, ocupação urbana, etc. Português e Linguagens: uso de gêneros textuais que discutam o tema: poemas, cordéis, contos etc. produção e interpretação de textos. Utilização de charges para produção textual, etc.

Descrição da atividade	Semana 1 - Apresentação geral do tema pelo docente: conceitos, classificação, destino dos resíduos, impactos causados. Sugestão de vídeos: Ilha das Flores/ A história das coisas. Explorar como o tema é apresentado em Escada a partir da realidade do município (chuva de ideias) – registro de palavras-chaves. Dividir os alunos por bairro: como o município trata os resíduos nos bairros? Há coleta? Há coleta para recicláveis? Há lixões nos bairros? Há lixeiras nas ruas? Como as pessoas se comportam em relação aos resíduos? Há catadores que recolhem os resíduos recicláveis? Você separa os resíduos recicláveis na sua casa? Material necessário: quadro branco/lápis/cartolinas. Avaliação: participação oral/mapas conceituais. Semana 2 - Socialização da experiência: apresentação dos grupos por bairro, o que há em comum entre os bairros? O que há de diferente? Por que há estas diferenças? Registro em foto. Material necessário: projetor de multimídia/ quadro branco/lápis/câmera/celular/computador/notebook. Avaliação: apresentação em grupo/material produzido/apropriação do conteúdo. Semana 3 – Resíduos sólidos na escola. Metodologia: observação participante (chegada, saída e recreio escolar): Como os alunos, professores e funcionários se comportam em relação aos resíduos produzidos na escola? As pessoas jogam os resíduos no chão? O ambiente escolar é limpo? Há lixeiras na escola? Há lixeiras específicas para resíduos recicláveis? As pessoas respeitam o descarte dos resíduos nas lixeiras específicas para recicláveis, quando há na escola? Como é feita a coleta?. Roda de diálogo: exposição das observações. A partir da realidade encontrada, o que pode ser feito na escola para melhorar a gestão dos resíduos sólidos na escola? Material necessário: quadro branco/lápis. Avaliação: avaliação oral Semana 4 - Visita guiada: Secretaria de infraestrutura/ aterro sanitário do município/Cooperativa de reciclagem de Escada. Como funciona a gestão dos resíduos no município? Porquê há diferenças na gestão dos resíduos entre os bairros? Onde é feito o descarte dos resíduos do município? Esse descarte é feito de maneira correta? Há coleta seletiva no município? Se não, por que não há? Como funciona um aterro? O que ele deve ter? Quanto tempo de vida útil? Há presença de catadores/crianças no aterro? Socialização das impressões das visitas em sala de aula: apresentação dos conteúdos e conceitos. Material necessário: transporte, uso de calças e sapatos fechados, caderno para registro das informações, gravador/celular, câmara fotográfica/celular. Avaliação: formulação das questões, oralidade, desenvoltura, utilização dos conceitos trabalhados em sala de aula. Semana 5 – Seminário de socialização. Trabalho em equipe: divisão da turma em 4 grupos: 1. Percepção dos alunos em relação à gestão dos resíduos sólidos na cidade; 2. Percepção dos alunos em relação à gestão dos resíduos sólidos na escola; 3. Apresentação da gestão municipal dos resíduos sólidos; 4. Estratégias/soluções dos problemas encontrados: o que fazer? Cada grupo ficará responsável por desenvolver esses temas a partir do conteúdo desenvolvido ao longo do projeto: fazer uma apresentação de socialização do projeto com a comunidade escolar. Convidar os responsáveis pela gestão dos resíduos no município para a apresentação/debate. Semana 6 – Apresentação do trabalho para a comunidade escolar, comunidade circunvizinha à escola e responsáveis pela gestão dos resíduos sólidos do município, na Semana do Meio Ambiente. Cada equipe terá 10 minutos para a apresentação. Material necessário: projetor de multimídia/ espaço/computador/notebook. Avaliação: apresentação do conteúdo, do produto, discussão/debate, apropriação dos conceitos, sentido de pertencimento à comunidade em que reside, desenvolvimento de ações cidadãs.
--------------------------------------	---

Dicas de leituras	SCIRE. Educação Ambiental: produção de sabão ecológico na Escola Nossa Senhora Aparecida em Campina Grande – PB. v.6, n.2, 2014. LEOCÁDIO, Valdeci. Cordel da Coleta Seletiva. OLIVEIRA. Isabel Cristina Pereira de. Lixo na “Escada”: um estudo sobre a gestão municipal de resíduos sólidos. Dissertação de mestrado - UFF. Niterói, 2006. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=61973 Acesso em: 20 out. 2017.
Dicas de vídeos	Ilha das Flores. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=bVjhNaX57iA A história das coisas. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=xEgPp1V-GWsM&t=7s Compostagem. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=QwLa988w_N0 https://www.youtube.com/watch?v=IR0si0SF334 https://www.youtube.com/watch?v=OM3jDJa1ccQ Produção de sabão. Disponível em: http://g1.globo.com/mg/centro-oeste/mgtv1edicao/videos/v/professoraestimula-producao-de-sabao-em-sala-de-aula-em-divinopolis/5981962/

Referências

ABNT, Associação Brasileira de Normas Técnicas, **Classificação de resíduos sólidos: NBR 10.004.** Rio de Janeiro: 2004.

ABRAMOVAY, R.; SPERANZA, S.J.; PETITGAND, C. **Lixo zero, gestão de resíduos sólidos para uma sociedade mais próspera.** Instituto Ethos de empresas e responsabilidade social. São Paulo. 77p. 2013.

ABRELPE. **Panorama de Resíduos Sólidos no Brasil** (ABRELPE). Edição 2016. Disponível em < <http://www.abrelpe.org.br/Panorama/panorama2016.pdf>> Acesso em 13 de mar. de 2017.

BIDONE, A. R. C; POVINELLI, J. **Conceitos básicos de resíduos sólidos**. 1º edição. EESC-USP, São Carlos- SP. p. 9. 1999.

BRASIL, Lei 12.305 de 02 de agosto de 2010 institui a Política Nacional de Resíduos sólidos; altera a lei nº 9.605 de 12 de fevereiro de 1998; e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, n.147.3, p.03, 2010.

DEMAJOROVIC, J. Da política tradicional de tratamento do lixo, á política de gestão de resíduos sólidos, as novas prioridades, **Revista de administração de empresas**. São Paulo v.35 n.3 p.88-93 maio/junho. 1995.

INÁCIO, T.C.; MILLER, M.R.P.; **Compostagem ciência e prática para a gestão de resíduos orgânicos**. Embrapa solos, Universidade Federal de Santa Catarina. Rio de Janeiro. p.15-54. 2009.

KIEHL, J. E.; **Fertilizantes orgânicos**, Editora agronômica Ceres Ltda, São Paulo. P. 229- 284. 1985.

MINISTÉRIO Público de Pernambuco . **Assinatura de Termo de Compromisso Ambiental (TCA)**, 2014. Disponível em:

<http://www.mppe.mp.br/mppe/index.php/comunicacao/noticias/ultimas-noticias-noticias/1555-mppe-arti->

[cula-retomada-da-condicao-de-aterro-sanitario-de-esca-da](#) Acesso em: 29 out. 2017.

JUNHO, A.P.; ROMERO, M. de A.; BRUNA, G.C. **Curso de gestão ambiental: Manole**, São Paulo, p. 386, 2004.

OLIVEIRA, Isabel Cristina Pereira de. **Lixo na “Escada”: um estudo sobre a gestão municipal de resíduos sólidos**. Dissertação de mestrado - UFF. Niterói, 2006. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=61973 Acesso em: 20 out. 2017.

PEREIRA-NETO, T. J. **Manual de compostagem, processo de baixo custo**, Editora UFV, Universidade de Viçosa Minas Gerais. Segunda edição, 2010.

SOARES, E. L. S. F. **Estudo da caracterização gravimétrica e poder calorífico dos resíduos**. 2011. 133 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil) – COPPE, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

RIO IPOJUCA E OS IMPACTOS AMBIENTAIS: QUANDO O CONTEXTO ESCADENSE TORNA-SE MEIO PARA O DESENVOLVIMENTO DE ATITUDES INVESTIGATIVAS

Ana Lucia Gomes Cavalcanti Neto¹¹

Maria de Lourdes de Carvalho Fragoso¹²

Valderês da Conceição do Monte¹³

A presente proposta que compõe a obra Escada: Como Ensinar e Aprender sobre o Município tem como propósito contribuir com a prática docente dos professores dos anos finais do Ensino Fundamental a partir da proposição de uma ação didática que reúne a perspectiva da investigação no ensino e a poluição do rio Ipojuca, com vistas à formação de atitudes investigativas por parte dos estudantes. A ideia de tal articulação está baseada em dois princípios básicos do processo de construção do conhecimento. O primeiro se refere à compreensão do papel que ocupa o questionamento nesse processo e que, portanto, na ação didática deve-se, sempre que possível, propor

¹¹ Doutorado em Ensino de Ciências; Professora da Rede Pública Municipal de Escada/PE e da Faculdade da Escada – FAESC; Acadêmica fundadora da Academia Escadense de Letras (AELE).

¹² Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente; Professora da Rede Pública Municipal de Escada/PE e da Faculdade da Escada – FAESC e Acadêmica efetiva da Academia Escadense de Letras (AELE).

¹³ Mestrado em Ensino de Ciências; professora da Faculdade de Escada/PE – FAESC e Acadêmica efetiva da Academia Escadense de Letras (AELE).

um problema para que os estudantes possam resolver e o segundo, do entendimento de que qualquer novo conhecimento tem origem em um conhecimento anterior (CARVALHO, 2016) e desse modo, o processo pode ser facilitado se tivermos como ponto de partida o que o estudante já conhece. O contexto se constitui como aspecto preponderante nesse processo, devendo ser considerado como espaço frutífero para que o processo de aprendizagem seja efetivado.

É nesse cenário que se situa a presente proposta didática que tem como propósito o desenvolvimento pelo estudante, de atitudes investigativas, pressuposto básico para o processo de tomada de consciência sobre a necessária atuação no meio em que vive. Para Maturana (2002), a atitude investigativa é entendida como um conjunto de condutas relacionais, dentre as quais a curiosidade é a emoção principal. A atitude investigativa pode ser identificada a partir de algumas ações (comportamentos) tais como, formulação de perguntas, formulação de hipóteses, coleta de dados, proposição de procedimentos ou de estratégias para resolução do problema, identificação do problema, entre outros (BRASIL, 1998).

Para efetivação da referida proposta, será considerado a relação entre impactos ambientais e suas consequências sob o Rio Ipojuca, buscando tornar o contexto, o meio para o alcance dos objetivos almejados. Em seu percurso da nascente no município de Arcoverde até a foz ao Sul do Complexo Industrial Portuário Governador Eraldo Gueiros - Porto de Suape, localizado entre os municípios de Ipojuca e Cabo de Santo Agostinho, o Ipojuca banha várias cidades dentre as quais, Escada. Nesse percurso, o rio recebe das cidades um volume elevado de poluentes

ao qual se acresce a carga poluidora da atividade agroindustrial (usinas, destilarias e canaviais), localizada em sua bacia. Toda esta carga de detritos industriais e domésticos o torna o terceiro rio mais poluído do Brasil. Além das atividades poluidoras, o Ipojuca vem sofrendo, ao longo dos anos, um processo de assoreamento que resulta principalmente da destruição das matas ciliares, o que vem ocasionando o desequilíbrio de todo o ecossistema aquático pela diminuição de suas águas e a morte de animais aquáticos, entre outros.

Figura 1. Rio Ipojuca em Escada-PE



Fonte: <http://m.jc.ne10.uol.com.br/canal/cidades/geral/noticia/2017/05/28/pernambuco-tem-mais-de-dez-cidades-em-estado-de-calamidade-por-conta-das-chuvas-286372.php>

Possibilitar oportunidades para a formação de atitudes investigativas exige uma nova postura por parte

do professor, uma vez que investigar envolve “realizar observações, fazer perguntas, examinar livros e outras fontes de informação para ver o que já é conhecido, planejar ações, utilizar instrumentos para coletar, analisar e interpretar os dados, propor respostas, comunicar resultados”. Um dos caminhos para se possibilitar o desenvolvimento de atitudes investigativas é o ensino baseado na investigação.

O ensino por investigação se constitui numa perspectiva que envolve atividade focalizada no aluno, possibilitando-lhe desenvolver a autonomia, a capacidade de tomar decisões, de avaliar e de resolver problemas. Aprender a investigar requer aprender a observar, a planejar, levantar hipótese, realizar medidas, analisar dados, refletir e elaborar explicações teóricas.

Para Gil e Castro (1996) as atividades investigativas possuem características de um trabalho científico, tais como: 1) Apresentar situações problemáticas; 2) Favorecer a reflexão dos estudantes sobre a relevância e o possível interesse das situações propostas; 3) Enfatizar as análises qualitativas, significativas, que ajudem a compreender e limitar a situação planejada e a formular perguntas sobre o que se busca; 4) propor a elaboração de hipóteses como parte central da atividade investigativa; 5) considerar a análise dos resultados à luz do corpo de conhecimentos disponível, das hipóteses levantadas e dos resultados dos outros grupos; 6) propor considerações de possíveis perspectivas quanto à reelaboração do estudo; 7) potencializar a dimensão coletiva do trabalho científico, por meio de grupos de trabalho que interajam entre si.

Desta forma, o ensino por investigação exige do aluno a reflexão, discussão, explicação e a socialização, contri-

buindo assim para sua mudança de atitude, bem como do professor. Nesta perspectiva, o aluno sai da posição de observador das aulas para influenciá-la na argumentação, no pensar, agir, interferir, fazendo parte da construção do seu conhecimento. Já o professor passa de expositor a orientador/mediador do processo de ensino (AZEVEDO, 2010).

Assim, acreditamos que uma forma mais eficiente para que o aluno adquira conhecimento significativo é por meio de atividades investigativas, pois essas contribuem para a formação de cidadãos críticos e criativos numa perspectiva de formação plena. Neste sentido, o papel do professor é de fundamental importância para o desenvolvimento de atividades problematizadoras, na superação de posturas tradicionais e na reflexão sobre novas práticas pedagógicas.

Entendemos que o ensino por investigação, torna-se importante para a formação de sujeitos mais participativo, crítico e reflexivo, pois permite ao aluno resolver problemas, estabelecer relações, explicar evidências, construir argumentos, promovendo a aprendizagem de conceitos científicos. Consideramos que uma proposta de ensino dessa natureza permite ao estudante ser sujeito do seu aprendizado, à medida que ele mesmo reconstrói seus conceitos, relaciona o conhecimento recente às ideias preexistentes na sua estrutura cognitiva.

Sendo assim, o presente trabalho tem como objetivo propor uma abordagem didática sobre o rio Ipojuca na perspectiva de construção de atitudes investigativas por estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental.

Para o desenvolvimento da referida proposta, estamos considerando como abordagem metodológica o que tem

sido denominado por Angotti, Delizoicov e Pernambuco (2006) de momentos pedagógicos, com funções específicas e diferenciadas, a saber: problematização inicial, organização do conhecimento e aplicação do conhecimento. Conforme os autores, a problematização inicial consiste na apresentação de situações reais que os estudantes já conhecem e que estão envolvidas na problemática apresentada com o propósito inicial de desafiá-los. A meta é problematizar o conhecimento com base em poucas questões, inicialmente discutidas em pequenos grupos e exploradas em seguida no grande grupo. O ponto culminante desse momento é provocar o estudante de modo que ele sinta a necessidade da aquisição de outros conhecimentos que ainda não detêm (DELIZOICOV, ANGOTTI, PERNAMBUCO, 2002). O segundo momento pedagógico, denominado pelos autores de organização do conhecimento, constitui-se da seleção de conhecimentos necessários para a compreensão dos temas e da problematização inicial e deve ser realizado sob a orientação do professor. O terceiro momento, denominado de aplicação do conhecimento, destina-se a abordar sistematicamente o conhecimento incorporado pelo aluno, para analisar e interpretar tanto as situações iniciais que determinaram seu estudo quanto outras que, embora não estejam diretamente ligadas ao momento inicial, possam ser compreendidas pelo mesmo conhecimento. Aqui o potencial explicativo e conscientizador das teorias precisam ser explorados. Para Pierson (1997), esses momentos devem se suceder no processo de ensino e aprendizagem: “O primeiro momento de mergulho no real, o segundo caracterizado pela tentativa de apreender o conhecimento, já construído e sistematizado, relacionado a este real que se observa e o terceiro momen-

to de volta ao real, agora de posse dos novos conhecimentos” (p. 156).

Sendo assim, com essa perspectiva e considerando que a aprendizagem dos estudantes é mais efetiva quando a sua experiência pessoal é valorizada no contexto escolar, quando estes são provocados a refletirem sobre a sua realidade para elaborar hipóteses e quando são oportunizados a realizarem investigações, a tomarem consciência da sua realidade e a estruturar novas formas de compreensão dos fenômenos, é que foi organizado um roteiro de orientação didática. O referido roteiro, adequado para realização nas turmas de 6º e 7º Anos do Ensino Fundamental, a partir do tema “Rio Ipojuca e impactos ambientais”, como também a estratégia sugerida para cada momento pedagógico, pode ter um resultado mais efetivo em relação ao estudante se desenvolvido de forma interdisciplinar, no qual sejam envolvidos os componentes: Língua Portuguesa, Arte, Ciências da Natureza, Matemática e as Ciências Humanas.

1. ROTEIRO DE ORIENTAÇÃO DIDÁTICA

Título da atividade: *Repensar o rio Ipojuca com possibilidades para o equilíbrio socioambiental*

Público: 6º e 7º Anos do Ensino Fundamental-Anos Finais

Objetivo geral:

Possibilitar aos estudantes espaço para construção de atitudes investigativas em relação ao meio em que vivem.

Objetivos específicos:

- Compreender o rio Ipojuca como um bioma modificado pelas intempéries naturais e pela ação humana.
- Reconhecer os impactos das alterações sobre o rio Ipojuca para a sociedade escadense na atualidade e propor alternativas mitigadoras.

Tempo: Em torno de 12 aulas

Total de participantes: 40 alunos (uma turma)

Disciplinas envolvidas: Língua Portuguesa, Arte, Ciências, Geografia, História e Matemática.

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE:

Problematização inicial:

- Correlacionando informações e experiências já existentes: levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos (percepção) sobre o rio Ipojuca a partir de questionamentos e da produção de desenhos.
- ❖ Em pequenos grupos (até quatro alunos) solicitar que respondam as seguintes questões:
 1. Quais elementos naturais ou provocados pela ação humana contribuíram para as alterações no rio Ipojuca na atualidade?

2. De que forma as agressões ao rio Ipojuca interferem na vida dos escadenses?
- ❖ O grupo deve representar as percepções iniciais por meio de desenhos e ou relatos escritos.
 - ❖ Socialização das produções dos grupos e direcionamento para a introdução do que será abordado na etapa seguinte.
- Levantamento de informações: leitura da paisagem (rio Ipojuca) a partir de observações do local e/ou de fotografias para descrição do cenário, identificação dos impactos socioambientais e dos processos de desenvolvimento histórico presentes.
 - Elaboração e aplicação de entrevista Memória Viva com moradores ribeirinhos mais antigos da comunidade para levantamento de informações sobre a memória do ambiente (rio Ipojuca).

Organização do conhecimento:

- Compartilhamento e sistematização de informações no grupo: estudo comparativo do rio Ipojuca no passado e no presente a partir do confronto de informação obtida através da entrevista memória viva e da percepção do ambiente na atualidade a partir da construção de gráficos e/ou tabelas.
- Representação da visão do grupo no que se referem aos impactos ambientais observados, por

- meio de produções de textos, paródias, cordéis e/ou desenhos;
- Pesquisa na história escrita sobre as transformações sociais, ambientais, culturais, políticas e econômicas que promoveram as alterações no rio Ipojuca no decorrer dos tempos;
 - Entrevista sobre consequências dos impactos ambientais na vida dos ribeirinhos.
 - Estudo de documentários, músicas e textos sobre a bacia hidrográfica do rio Ipojuca e respectivas alterações.

Aplicação do conhecimento:

- Explicação do contexto estudado sobre o rio Ipojuca a partir de uma análise descritiva considerando o rio no passado, no presente e as metas para o futuro.
- Elaboração de gráficos com a relação entre os impactos ambientais e as consequências na vida dos ribeirinhos.
- Produção em grupo de um documentário com base no estudo do rio Ipojuca evidenciando todas as etapas seguidas na investigação.
- Elaboração de carta às autoridades competentes sobre o estudo, bem como apresentando sugestões de ações mitigadoras para a problemática do rio.

Material necessário:

- Uma resma de papel ofício, lápis de cor (2

caixas), hidrocor (2 caixas), pincel atômico (06 de cores variadas), caderno de campo, cartolina (10 unidades), filmagens, impressão de textos e fotos.

❖ **Critérios de avaliação:**

- A avaliação dar-se-á durante todo o processo a partir das discussões, participação nas atividades e registros no caderno de campo, elaboração do plano de ação e da produção do documentário considerando os seguintes critérios:
- ❖ A capacidade de interpretação da realidade, da formulação de hipóteses, da concepção de ideias (APRENDER A CONHECER);
- ❖ A construção de novos conhecimentos a partir da coleta e da análise de dados (APRENDER A FAZER);
- ❖ A construção de saberes em grupo, do respeito à diversidade de opiniões, da elaboração de conclusões (APRENDER A CONVIVER);
- ❖ A formulação do pensamento crítico diante da realidade analisada, de suas ações, manifestações e construção de conceitos (APRENDER A SER).

Dicas de leitura:

- AGÊNCIA ESTADUAL DE PLANEJAMENTO E PESQUISAS DE PERNAMBUCO - CONDEPE/FIDEM. **Bacia Hidrográfica do rio Ipojuca**. Recife, 2005.
- CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

Dicas de vídeo:

- Ipojuca: rio de contrastes. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HZ-Twn5PHpW8>. Acesso em 17 de março de 2018.
- Poluição do rio Ipojuca. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=i2Cvquit-0A>. Acesso em 17 de março de 2018.

Referências

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio)**. Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias. Brasília: SEF/MEC, 1998.

CARVALHO, A. M. P. de. O ensino de ciências e a proposição de sequências de ensino investigativas. In: **Ensino de ciências por investigação: condições para implementação em sala de aula**. Ana Maria Pessoa de Carvalho (org.). São Paulo: Cengage Learning, 2016

DELIZOICOV, D.; ANGOTTI, J. A.; PERNAMBUCO, M. M. **Ensino de Ciências: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2002.

MATURANA, H. **Transformação e convivência**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

PIERSON, A. H. C. **O cotidiano e a busca de sentido para o ensino de física**. 1997. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

LITERATURA ESCADENSE: UMA PONTE PARA MÚLTIPLOS LETRAMENTOS

Rosilda Maria Araújo Silva dos Santos¹⁴

José Lucas do Nascimento Barbosa¹⁵

Apresentação

Ao se analisar resultados de avaliações externas dos brasileiros como o ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio - agora em 2017, defronta-se com notificações realizadas pelo MEC – Ministério de Educação – que apenas 53 alunos do país tiraram nota mil na redação de 2017, além de sinalizar que este número representa uma queda no total, já que no ano anterior foram 77 notas máximas obtidas na prova e para evidenciar ainda mais o problema, ele traz à tona que dos 4,72 milhões de redações corrigidas, 309.157 tiveram notas zero. Este pano de fundo fortalece a ideia da necessidade de se rever o ensino da linguagem, pois em um contexto em que a leitura está presente acentuadamente na vida dos alunos por meio

14 Professora da rede estadual, municipal e da FAESC - Faculdade da Escada, mestre em Ciências da Linguagem pela UNICAP (2010), doutoranda em Linguística pela Universidade de Évora/Portugal e membro da Academia Escadense de Letras.

15 Professor de Língua Inglesa do CCAA - Centro de Cultura Anglo-americana, Aluno do curso de Letras da FAESC - Faculdade da Escada e ex-intercambista do PGM - Programa Ganhe o Mundo.

das novas tecnologias, evidenciando-se o letramento digital nas diversas práticas de linguagens, questionam-se os motivos que têm provocado estas fragilidades na compreensão, interpretação e produção de texto, já que a leitura digital tem estado presente no cotidiano desse educando, embora não leiam o que a cultura valorizada e a escola esperam que o façam (ROJO, 2009, p.47).

Afirma-se que o termo letramento está aqui no sentido amplo, já que na atualidade, uma pessoa letrada é capaz de atribuir sentidos a mensagens oriundas de múltiplas fontes de linguagem, bem como ser capaz de produzir mensagens com estas mesmas múltiplas fontes (DIONÍSIO, 2011, p. 138). Entende-se que na sociedade contemporânea, a prática de letramento da imagem deve ser incorporada à prática de letramento da escrita, pois os modos de ler um texto estão sendo constantemente reelaborados, mas também se enfatiza que não se está supremaciando a imagem ou a palavra na organização do texto, mas sim a harmonia (ou não) visual estabelecida entre ambos (p. 139).

Justamente a partir deste cenário, que este projeto sem ter nenhuma pretensão de apresentar uma receita mágica, melhor dizendo, solução para resolver fragilidades no ensino, intenciona apenas trazer uma proposta que pode contribuir para o processo de ensino e aprendizagem da linguagem, acreditando atenuar dificuldades e potencializar letramentos múltiplos por meio do *uso da literatura como eixo* para o ensino da língua materna, entretanto sublinha-se que ao trazer o termo “uso” não se pretende escolarizar a literatura, trabalhando o texto literário como pretexto para o ensino e aprendizagem de outras questões, como adverte Martins (2006, p.83).

Considera-se que não é tarefa fácil, já que a leitura literária tem vivido uma contínua competição com outros meios de comunicação, como a internet, que torna tudo mais atrativo para o aluno e ainda cria possibilidades de ficcionalizar, imaginar, funções antes mais ativadas pela leitura literária, além disso como disse Martins (2006, p.84) há lacunas no ensino fundamental que podem distanciar o aluno da literatura como: a seleção inadequada das obras literárias, desconsideração das leituras prévias dos alunos e expectativas desse público-leitor, as técnicas de abordagem ao texto que não são diversificadas, contribuindo para que o educando desenvolva uma compreensão mitificada do fenômeno literário, isto é, a leitura do texto literário deveria ser mais valorizada ao longo da trajetória escolar, para interagir com textos que inauguram mundos possíveis, construídos com base na realidade empírica.

Em contrapartida, os livros trazem que a literatura é a arte da palavra e esta concepção deixa implícita a opinião que ela configura o trabalho com a linguagem pelo artista literário, seja poeta, seja escritor, entre outros. Por isso, indica-se que em se tratando da maior agência de letramento, que é a escola, a literatura deve ter maior atenção, pois seu papel social e sua influência na vida de cada cidadão é muito importante e precisa-se entender que ela deve ser usada como ferramenta didática no ensino da língua materna para despertar o prazer pela leitura, difundir conhecimento e promover letramentos.

Portanto, acredita-se que o tema: Escada e literatura: uma parceria exitosa para o ensino da linguagem esteja recheado de possibilidades de trabalho para a sala de aula, já que contempla uma releitura de aspectos históri-

cos, sociais, culturais, artísticos, geográficos e literários da cidade de Escada, isto é, o plano é que o aluno faça uma releitura da cidade, enxergue os aspectos da realidade do município, desenvolva seu senso crítico para exercer seu exercício de cidadania protagonizando assim, o processo de aprendizagem.

2. Discussão sobre o tema

Realizar um projeto didático tendo a literatura local como alicerce para promover letramentos múltiplos é um desafio, principalmente diante do desinteresse pela leitura convencional declarado por muitos alunos, mas esta problemática tem como hipóteses que o trabalho com a literatura local, neste caso a escadense, pode atenuar dificuldades na leitura, compreensão, interpretação e produção de textos, despertar o prazer pela leitura a partir do contato com os autores dos textos trabalhados, ampliar visão crítica ao conhecer os contextos estudados e relacioná-los a sua realidade.

A título de esclarecimento, ao se falar sobre letramentos múltiplos, percebe-se a necessidade de se definir letramento e para isso apoia-se em Soares (2010, p.18) ao definir como letramento o *resultado da ação*¹⁶ do ensinar ou do aprender a ler e escrever, isto significa que não basta apenas saber ler e escrever, é preciso saber fazer uso dessa leitura ou dessa escrita nas mais diversas *práticas de letramento* (p.20), para exemplificar estas práticas cita-se: a leitura de um texto em voz alta, de um bilhete, de uma mensagem de whatsapp, etc., ou seja, as práticas sociais de letramento são exercidas em diferentes contextos e o

significado de letramento varia de acordo com o tempo e a cultura (ROJO, 2009, p.96, 99).

Relembrando o que já foi dito antes, a discussão sobre letramento neste texto está baseada em uma concepção mais ampla e Rojo (2009, p. 111) discute isto ao afirmar que múltiplos letramentos é enxergar as práticas numa perspectiva multicultural, ou seja, de diferentes culturas, nas mais diversas esferas, quer dizer, a escola também pode potencializar o diálogo multicultural, trazendo para dentro de seus muros não somente a cultura valorizada, dominante, canônica, mas também as culturas locais e populares de massa, para torná-las vozes de um diálogo, admitindo culturas locais de alunos e professores (p.115) e a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2017) preconiza isto nas competências gerais da Educação Básica ao recomendar que se deve valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social e cultural a fim de entender e explicar a realidade (fatos, fenômenos e processos linguísticos, culturais, sociais, econômicos, científicos, etc.) e assim colaborar para a construção de uma sociedade solidária.

Isso vem demonstrar que trabalhar com leitura e escrita na escola hoje é muito mais que trabalhar com decifração de código, é trabalhar com letramentos múltiplos, com leituras múltiplas (ROJO, 2009, p.118).

De outra maneira, concebe-se a interdisciplinaridade como uma forma de se explorar as múltiplas leituras e a literatura pode ser a ponte para que letramentos sejam contemplados, pois analisar textos literários identificando os vários contextos implícitos viabiliza um diálogo entre diversas disciplinas e junto a isso garante que o educando estabeleça relação com sua realidade, ampliando sua

visão, enquanto cidadão, formando um aluno ético e democrático, crítico, isento de preconceitos e disposto a ser multicultural em sua cultura e lidando com as diferenças socioculturais (p. 120) e a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2017, p. 61) preconiza isso entre as competências específicas de Linguagem para o Ensino Fundamental:

Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais.

Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva [...]

Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas[...]

Enfim, esta proposta focaliza contribuir para a forma-

ção da competência leitora literária do educando e assegurar que a leitura seja vista como uma possibilidade de indagar, pesquisar, criar, recriar, de maneira que ela venha a ter uma função atual, verdadeiramente recreativa, social e renovadora entre as atividades dos educandos.

3. Como ensinar e aprender sobre nosso município?

A partir do momento que o homem tem consciência de si mesmo como indivíduo e que, perante a morte, começa a valorizar a vida, a literatura se evidencia no âmbito das relações sociais como algo essencial para humanidade. A história mostra que pouco tempo depois do renascimento, o “descobrimento” do Brasil veio a ser conhecimento público graças aos escritos de viajantes e missionários. Ressalta-se que esse início literário sofreu com influências de uma literatura lusitana. Contudo, mais tarde no Brasil, começa a surgir uma chama inspiradora para uma literatura de espírito brasileiro, ou melhor, uma valorização das raízes brasileiras.

Nesta perspectiva, acredita-se que o uso da literatura (local) como uma base motivadora para concretização de um letramento literário a fim de valorizar aspectos históricos, culturais, artísticos, geográficos e sociais é importante para ampliação não só do conhecimento da cultura local, mas também de apropriação de competências leitora, literária, linguística e textual, afinal, já afirmava Bakhtin (2011, p. 261) que a humanidade e suas atividades nos seus diversos campos de atuação é atravessada pela linguagem, ou seja, está conectada com e por ela.

Sob esta ótica e tendo como público alvo o ensino fundamental (8º e 9º anos), esta proposta sinaliza como

objetivo geral: promover letramentos literário, histórico, geográfico, artístico, cultural e social e como objetivos específicos:

- 1- Familiarizar o aluno com a literatura local para identificar poetas/escritores com sua vida, obras e contribuições para a literatura escadense;
- 2- Identificar contextos histórico, geográfico, artístico, literário, cultural e social da cidade de Escada.

A recomendação é que as atividades sejam desenvolvidas no período de 3 meses, em grupos de quatro ou cinco alunos (a depender da quantia de alunos na turma) e que os passos sejam seguidos:

- A - No primeiro momento, o aluno deve se familiarizar com as obras literárias dos escritores escadenses focalizados, identificando por meio de pesquisas os contextos histórico, social, artístico e geográfico de cada escritor escolhido para estudar.
- B - No segundo momento, sugere-se que sejam elaboradas entrevistas com moradores mais antigos do bairro, da cidade, enfim, o objetivo é pesquisar informações sobre costumes, danças, festas, economia, educação, saúde, meio ambiente, administração pública, etc.(o professor deve analisar antes, que aspectos podem ser explorados no texto que vai ser usado em sala de aula), na realidade, requer uma análise do aluno sobre uma deter-

minada época para comparar a Escada de ontem com a de hoje e assim, identificar mudanças e posicionamentos dos entrevistados com visão crítica em relação às mudanças ocorridas de acordo com seu contexto social;

C - Depois, indica-se a criação de um registro pictórico dos lugares marcantes da cidade de Escada junto com fotos antigas, criando, portanto, uma espécie de discurso em imagens sobre a cidade (sua história, geografia, artes e cultura, etc.). Se achar necessário, realizar visita ao museu Cícero Dias para fazer leitura e interpretação das obras expostas.

D - Por fim, os alunos criam seus próprios registros literários/artísticos (poemas, cordéis, pinturas, desenhos, etc.) externando sua visão crítica sobre tudo que investigou sobre a cidade, seus poetas, artistas e escritores, por meio de vídeos, realizando uma releitura do patrimônio histórico escadense evidenciando a importância da valorização, enquanto cidadão escadense, das artes e cultura locais.

Dessa forma, contempla-se não só a língua portuguesa com leitura, interpretação e produções de textos literários ao explorar vida e obra de escritores/artistas escadenses como: Tobias Barreto, Cícero Dias, Mariinha Leão, José Luís Minduca, Valdecir Leocádio, Edvaldo Levino (Dudoce), entre outros, como também interdisciplinariza ao trazer nas pesquisas análises comparativas entre a sociedade escadense de ontem e a de hoje, possibilitando exposições e socializações da pesquisa sobre as mudanças

ocorridas na geografia da localidade, os costumes, músicas, práticas sociais da época retratadas em sociologia, literatura e nas artes com um discurso imagético histórico por meio de vídeos curtos, com leituras dramatizadas e interpretação de artes plásticas e esculturas de artistas escadenses, além de investigar linguagens de época, como expressões idiomáticas, vocabulário, entre outras linguagens para montar um dicionário típico da cidade.

Faz-se necessário que o professor adéque a proposta de acordo com sua realidade, sem engessar modelos, mas avaliando todo o processo de construção do projeto por meio da participação ativa dos alunos, nas produções escritas e orais para conclusão do plano. A título de sugestão, segue uma sequência didática como exemplo para nortear a dinâmica da aula, usando textos de autores escadenses como: Tobias Barreto e José Luís Minduca.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

ANOS	8º e 9º
TEMPO ESTIMADO	10 aulas
CONTEÚDO	Leitura, interpretação, análise literária e produção de poemas
OBJETIVOS ESPECÍFICOS	- Incentivar o prazer pela leitura; - Desenvolver a competência leitora; - Estabelecer relações entre o lido/vivido ou conhecido (conhecimento de mundo e local) com o atual contexto da cidade de Escada; - Desenvolver a sensibilidade estética, a imaginação, a criatividade e o senso crítico
DESCRIPTORES DO SAEPE	D06 - Localizar informação explícita em um texto. D07 - Inferir informação em um texto. D08 - Inferir o sentido de palavra ou expressão a partir do contexto. D09 - Identificar o tema central de um texto. D12 - Identificar o gênero do texto. D13 - Identificar a finalidade de diferentes gêneros textuais. D15- Reconhecer os modos de organização das diferentes tipologias textuais. D20 - Relacionar características do texto à tradição literária em que se inscreve e/ou ao contexto social. D23 - Identificar efeitos de sentido decorrente do uso de pontuação e outras notações. D26 - Identificar as marcas linguísticas que evidenciam o locutor e/ou o interlocutor.
MATERIAL	Textos literários de autores da cidade de Escada, Internet, celular, livros, entre outros.

METODOLOGIA	<u>1ª etapa</u> Perguntar aos alunos se eles já ouviram falar sobre os autores focalizados e se conhecem alguma obra que eles publicaram. Depois de coletar as informações, conte à turma a história de cada um.
	<u>2ª etapa</u> Peça aos alunos que observem os títulos dos textos e façam inferências sobre os possíveis temas de que os textos tratam, lembrando que o texto 1 é “Escravidão”, de Tobias Barreto e o texto 2 é “Escada”, de Minduca para que possam formular hipóteses em relação a eles. A seguir sugira uma leitura compartilhada do poema “Escravidão”, depois provoque uma tempestade de ideias para perceberem as impressões gerais do texto e a seguir faça o mesmo para o poema “Escada” e deixe como atividade de casa uma pesquisa sobre o contexto histórico, social e literário dos textos trabalhados em sala, ou seja, pesquisar o que estava acontecendo historicamente em Escada, quando este texto foi produzido? Como vivia a sociedade escadense na época?
	<u>3ª etapa</u> Agora é o momento de fazer uma análise literária do texto, inquietando os alunos quanto aos contextos pesquisados a partir de questionamentos sobre o texto de Tobias Barreto. A título de exemplo, sugere-se perguntas como: Por que o autor escolheu a Escravidão como título do poema? Qual o assunto focalizado na obra? O que estava acontecendo em Escada, quando este texto foi produzido? Que importância tem esta obra para a literatura escadense/brasileira? Ela pode interferir na formação da consciência e da identidade do povo escadense? Por quê? Este autor contribuiu para a literatura? De que maneira? Há alguma mídia (filmes, telenovelas, propagandas, artes plásticas, músicas) que estabelece relação com este texto literário? Qual? Por quê? Justifique sua percepção! Peça aos alunos para formularem hipóteses oralmente. Depois de discutir o tema com a classe, peça para que eles analisem a sociedade hoje e apontem que outros tipos de “escravidão” nós vivemos? Por que isso acontece? Como poderíamos solucionar esse problema?

METODOLOGIA

4ª etapa:

Divida a sala em grupo de 4 ou 5 pessoas (depende do total de alunos na sala) e solicite que identifique (com a ajuda da professora) nos textos analisados os descritores elencados a seguir:

D06 - Localizar informação explícita em um texto.

D07 - Inferir informação em um texto.

D08 - Inferir o sentido de palavra ou expressão a partir do contexto.

D09 - Identificar o tema central de um texto.

D12 - Identificar o gênero do texto.

D13 - Identificar a finalidade de diferentes gêneros textuais.

D15- Reconhecer os modos de organização das diferentes tipologias textuais.

D23 - Identificar efeitos de sentido decorrente do uso de pontuação e outras notações.

D26 - Identificar as marcas linguísticas que evidenciam o locutor e/ou o interlocutor.

Obs.: Neste momento o professor pode trazer à discussão alguns questionamentos como: quem narra a história, é um narrador em 1ª pessoa ou em 3ª? Se o narrador é personagem, ele narra de um centro fixo, limitado às suas percepções, pensamentos, sentimentos, crenças, superstições? Como se percebe isto? Podemos confiar em tudo que ele diz? Quem é o público-alvo do texto? Que variação linguística predomina no texto? Justifique sua resposta. Por fim, levante a questão sobre o motivo de o narrador falar “corrigir o erro de Deus” se isso foi um sentido literal ou conotativo e por quê?

5ª etapa:

Agora é o momento de se analisar outros contextos como: histórico-geográfico. Já que os textos falam sobre Escada, a sugestão é que se trabalhe a produção textual, pedindo aos alunos que façam uma paráfrase das duas obras, ou seja, reescreva os textos com suas palavras e depois os socialize em sala de aula apontando contextos históricos, geográficos, sociais, entre outros que estejam presentes e sejam identificados, afinal, percebe-se nos textos usados como exemplo um eu-lírico que observa a cidade da Escada e expõe sua impressão sobre ela.

Salienta-se que é importante também questionar o motivo dos textos focarem em lugares da cidade e qual deles traz outros elementos (pessoas) – peça para inferirem se há algum motivo especial nas escolhas dessas pessoas, lugares e por que. Por fim, pedir que os alunos apontem as passagens que mais chamaram a atenção e por que.

Em seguida, arrisque uma interpretação do sentido figurado, das entrelinhas de Escada - Por exemplo, quando em “Escada” o eu-lírico diz: “A escada... das ladeiras que levam ao céu.” Ou “A Escada do sobe e desce Tão oscilante quanto o tempo”.

AVALIAÇÃO	Proponha aos estudantes uma avaliação por meio da escrita criativa. Peça que eles criem uma releitura de um dos poemas ou ainda uma leitura do bairro em que mora em Escada, buscando enfatizar o que o faz esse lugar ser singular (no sentido cultural) são as pessoas? O espaço geográfico? É interessante, se quiser, fazer uma ponte com um dos poemas, ou seja, intertextualizar. Acredita-se que este momento poderá perceber se os objetivos e descritores sinalizados foram contemplados ou não, podendo retrabalhar os que não foram, se for o caso.
VÍDEOS (SUPPORTO)	Instituto Sidarta (escola associada à UNESCO) - Projeto “Investigando a Cultura Local - Um Exercício de Cooperação” <https://www.youtube.com/watch?v=IWwztNptr-tQ> DOCUMENTÁRIO Lenda da mão fria - a cultura local através das lendas <https://www.youtube.com/watch?v=a-vhWoLLbZHA> MAIS CULTURA NAS ESCOLAS - parceria entre os Ministérios da Cultura e Educação (MinC e MEC) para fazer da escola pública um espaço de circulação e produção da cultura brasileira. <https://www.youtube.com/watch?v=-CD5Un9pOsl4>
LEITURAS (SUPPORTO)	Como dinamizar os currículos com a cultura local - https://gestaoescolar.org.br/conteudo/1866/blog-na-direcao-certa-como-dinamizar-os-curriculos-com-a-cultura-local

TEXTO 1:

A ESCRAVIDÃO (1868)

Se Deus é quem deixa o mundo
Sob o peso que o oprime,
Se ele consente esse crime,
Que se chama a escravidão,
Para fazer homens livres,
Para arrancá-los do abismo,
Existe um patriotismo
Maior que a religião.

Se não lhe importa o escravo
Que a seus pés queixas deponha,
Cobrindo assim de vergonha
A face dos anjos seus,
Em seu delírio inefável,
Praticando a caridade,
Nesta hora a mocidade
Corrige o erro de Deus!...

In: BARRETO, Tobias. Dias e noites. Org. Luiz Antonio Barreto. Introd. e notas Jackson da Silva Lima. 7.ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Record; Brasília: INL, 1989. p.122. (Obras completas).

ESCADA

A Escada das ladeiras
Que levam à ponte, que dão em rio
Das ladeiras que levam ao céu
Quem nunca viu?
Das ladeiras enluaradas
Do Riacho do Navio.

A Escada do Jaguaribe,
Do Viradouro, dos Sacríficos.
Do Maracujá à Mangueira
Dos índios mariquitos.

A Escada do sobe e desce
Tão oscilante quanto o tempo,
Intensamente marcada em minha mente
É uma saudade de um tempo.

(ESCADA – Cidade do interior de Pernambuco)
In: MINDUCA, José Luís. Coletânea de Fragmentos. 1ª Ed. 1994, p. 47. – Esta obra participou do Sexto Prêmio Nestlé de Literatura Brasileira em São Paulo – SP, Categoria: Poesia.

Referências

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Estética da Criação Verbal**; prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov; Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. – 6ª. Ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular** – BNCC: Ensino Fundamental. Brasília: MEC, 2017.

DIONÍSIO, Angela Paiva. **Gêneros Textuais e Multimedialidade**. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S (Orgs.). **Gêneros Textuais: reflexões e ensino**. 4. Ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

MARTINS, Ivanda. **A Literatura no Ensino Médio: quais os desafios do professor?** In: BUNZEN, Clécio; MENDONÇA, Márcia (org.). **Português no Ensino Médio e Formação do Professor**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

ROJO, Roxane. **Letramentos Múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 4. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. 128p.

FAMÍLIAS QUE CONTRIBUÍRAM PARA O DESENVOLVIMENTO SOCIAL E ECONÔMICO DO NOSSO MUNICÍPIO

Teresinha de Jesus Oliveira Guimarães de Melo¹⁷

Waldyr José Siqueira¹⁸

Introdução

O objetivo da presente proposta é resgatar a história das famílias tradicionais que contribuíram para o desenvolvimento social e econômico de Escada, seja com seus engenhos de cana de açúcar, empresas de grande e pequeno porte e os serviços, como lojas, supermercados, escolas, escritórios contábeis e cartórios. Além disso, buscamos conhecer as famílias que foram detentoras de grandes engenhos que plantavam e permanecem cultivando a cana de açúcar e fornecendo para as usinas produzirem açúcar, álcool e seus derivados. Objetivamos ainda identificar as famílias que contribuíram com a cultura e a arte como: escritor, artista plástico e também com a arte da política.

¹⁷ Acadêmica efetiva da AELE, Professora e Psicanalista, Mestre em Recursos Humanos e comportamento Organizacional da FAESC.

¹⁸ Acadêmico efetivo da AELE, Professor, Psicopedagogo e Psicanalista. Especialista em Educação

Resolvemos escrever sobre as famílias escadenses, porque entendemos a importância das próximas gerações conhecerem um pouco da história dessas famílias que contribuíram para tornar nosso município um lugar produtivo e que gerasse renda para seus munícipes.

Fazendo um levantamento histórico das famílias, com os próprios familiares ou seus descendentes, identificamos os sobrenomes mais conhecidos pela população, um pouco de sua contribuição e algumas que continuam até hoje. A intenção é despertar a curiosidade dos leitores para uma pesquisa qualitativa dessas famílias para elaboração de um acervo histórico para as próximas gerações.

Elencamos abaixo os sobrenomes das famílias identificadas que contribuíram como proprietários de engenhos, empreendedores de serviços, políticos e artistas:

1 -Di Biase, 2 - Dias Lins, 3 -Albuquerque Bastos, 4 - Siqueira, 5 - Xavier da Rocha, 6 - Ribeiro, 7 - Do Monte, 8 -Mesquita, 9 -Chaves, 10 -Souza Leão Wanderley, 11 - Fonseca, 12 - Loyo, 13 - Arruda Cabral, 14 - Kutz, 15 -Abreu, 16 - Câmara, 17 -Dutra, 18 - Carvalho, 19 - Pirangi, 20 - Lacerda, 21 - Ramalho, 22 - Rego Barros, 23 - Cabral de Souza, 24 - Almeida Lins, 25 -Buarque, 26 - Souza, 27 -Pontes, 28 -Alves Arruda, 29 - Rocha, 30 - Pereira Cavalcanti, 31 - Pereira Gomes, 32 -Maia, 33 -Gonçalves, 34 - Soatman, 35 -Melo, 36 - Portela, 37 - Figueiroa, 38 - Miranda, 39 -Bezerra, 40 - Alves da Silva, 41 - Santos e Silva, 42 - Sales e Silva, 43 - Beltrão, 44 -Coelho, 45 -Benévolo do Amaral, 46 - Ribeiro Pessoa, 47 - Sales e Souza, 48 - Chaves e Silva, 49 - Paixão, 50 - Lobo, 51 - Sampaio, 52 - Novaes, 53 - Lemos e Lopes e Silva - 54 -Durval.

Infelizmente não conseguimos informações precisas de todas as famílias, no entanto organizamos aquelas que

obtivemos por categoria para facilitar aos próximos pesquisadores.

Sociocultural

Entre as famílias que contribuíram para a identidade sociocultural do município, podemos elencar a família DIAS, o famoso e internacional pintor CÍCERO DIAS, a família COELHO, a pintora plástica CARMITA COELHO, a família ALMEIDA LINS – NUNCITA, pintora e poeta, MANOEL BANDEIRA, grande pintor escadense e a família ARRUDA CABRAL, tendo o nosso grande pintor AMARO ARRUDA, o qual, ao longo de sua vida, dedicou a descrição de nossa cidade em telas a óleo. Além de ser jornalista, fundou a Comercial Gráfica da Escada e publicou o jornal A Razão, tendo várias edições que retratava fatos históricos, culturais e de lazer da nossa cidade.

Figura 1 – Comercial Gráfica da Escada.



Fonte: Acervo da família Arruda.

Na área de associação representativa, podemos destacar a família MELO, tendo Reginaldo José de Melo, em-

presário visionário que acreditava no comércio varejista e construiu a primeira loja de confecções com três andares e trouxe a associação Comercial e a Câmara de Dirigentes Lojistas para defender os direitos do comércio varejista na cidade. Temos também a família LEÃO que nos apresentou com a historiadora, escritora e compositora MARILHA LEÃO, autora do hino da nossa cidade, de canções natalinas e de diversos livros que retratem as histórias, lendas e mitos dos escadenses. E também foi grande colaboradora na fundação do Museu Cícero Dias, membro da Academia Escadense de Letras

Indústrias

Em nossa cidade, com o desenvolvimento do comércio e da industrialização, a família DIAS LINS preconizou com a indústria têxtil, quando fundou, em 1924, uma das maiores indústrias do Estado de Pernambuco. Hoje, com as mudanças econômicas, a mesma não suportou continuar no mercado, encerrando as suas atividades. Proporcionou moradia e bem estar aos seus colaboradores, criando a VILA OPERÁRIA, como forma de seus funcionários desfrutarem de uma melhor qualidade de vida. Pensando no bem comum da população, como grande empreendedor que cuidava do social, construiu a barragem do engenho Sapucagi, para atender a população com água abundantemente.

A família KUTZ está no mercado desde 1975 e vem contribuindo com a nossa economia, com a industrialização de móveis escolares para toda a região Norte e Nordeste, fazendo de nossa cidade um centro de comércio de carteiras escolares de alta qualidade. Nos anos 70, havia em nossa cidade algumas fabricações artesanais que

foram constituídas por cidadãos escadenses – a família SIQUEIRA e a família XAVIER DA ROCHA que incrementaram por longos anos a venda de vinagre de cana de açúcar, matéria prima que circundava no entorno de nossa região.

A cidade de Escada foi cada vez mais carecendo de serviços e mão de obra especializada, surgindo também as cerâmicas das famílias ABREU, LOYO e SOATMAN que fabricavam telhas, ladrilhos e objetos de utilidade nas construções das novas residências escadenses, tempo em que a produção artesanal e decorativa prosperou em larga escala. Como empreendedor, Chile Acre Fernandes Soatman teve sua história em 1966 com a fundação da Granja Bela Vista com cerca de 20 funcionários e permaneceu aberta até 1981. Também havia uma cerâmica que teve início em 1968 com cerca de 60 funcionários e fechou suas portas em 1986. Já o fabrico de Pimenta do Chile, teve seu início em 1995 e é produzida até hoje pelo seu filho André Soatman.

Figura 2 – Fotos de empreendimentos da família Soatman e seus empregados



Fonte: Acervo da família Soatman.

Ressaltamos também a grande contribuição da família ARAUJO nos anos 60 que fabricava no centro do comércio a farinha de milho (fubá). Hoje a referida família continua contribuindo com a formação cidadã dos escadenses através da escolarização formal.

Engenhos de Cana de Açúcar

Somos uma sociedade amparada por notáveis famílias que construíram o nosso município, através dos seus engenhos de cana de açúcar, diversificando a cultura açucareira. Dentre estes Engenhos de grande porte, podemos destacar as famílias, DIAS LINS, BELTRÃO, ALBUQUERQUE BASTOS, FONSECA, CAVALCANTI, DUTRA, PIRANGI, BEZERRA, LEMOS, LINS, ANDRADE E MESQUITA que até hoje, continuam o cultivo da produção canavieira transformando em açúcar e seus derivados. Em nossas pesquisas constatamos que 30 engenhos estiveram nas mãos de oito famílias. A oligarquia açucareira de Escada protegia e ampliava seu poder mediante o controle da política local. Os cultivadores de cana dominavam os ramos: administrativo e judiciário do governo local e dispunham de representação no legislativo estadual com as seguintes famílias: MARQUES LINS, HOLANDA CAVALCANTI, VELOSO DA SILVEIRA, BARROS E SILVA, PEREIRA ARAUJO, BARROS DE ALBUQUERQUE, BASTOS E BELTRÃO. A família Albuquerque Bastos, com sua matriarca, a escadense NARCIZA CRISTINA BASTOS DE ALBUQUERQUE, continua a fazer história em nosso município, preservando o engenho Barra (1880) com suas peculiaridades. É sócia fundadora do Lions Clube Escada Mata Sul, que foi grande

responsável pela construção da sede. Patrimônio Vivo do Museu Cícero Dias e do IHAAGE. Membro Honorária da AELE. Também a história das muitas famílias nordestinas está guardada nos velhos e cobiçados engenhos de açúcar. Segundo Gilberto Freyre, “Sem açúcar, não se compreende o homem do Nordeste” (2007:50).

Figura 3 – Casa-grande do Engenho Barra



Fonte: Acervo da família Albuquerque Bastos.

Faz parte dessa história de senhores de engenho que atuaram na produção de cana de açúcar e seus derivados, a família RÊGO BARROS, citando um autêntico Rêgo Barros, representante da chamada nobreza da terra de Pernambuco, Francisco do Rêgo Barros, Conde da Boa Vista, nascido no Engenho Trapiche, político e militar do Brasil império. A família Rêgo Barros trouxe sua contribuição social e econômica para Escada - Princesa dos Canaviais, quando esta cidade nascida ao redor dos grandes engenhos e usinas de açúcar, cresceu, estruturan-

do-se para fornecer produtos e serviços, visando suprir as necessidades advindas deste meio rural e consequentemente desenvolvendo suas próprias dinâmicas, diversificando suas atividades urbanas como o comércio varejista, serviço de administração pública, consolidando assim, as classes sociais locais fortemente relacionadas com estes setores da atividade canavieira.

Figura 4 – Família Rêgo Barros e José Cabral do Rêgo Barros



Fonte: Acervo da família Rêgo Barros.

A família Rêgo Barros escadense, descendente do senhor Santino do Rêgo Barros, antigo proprietário do engenho Soledade e engenho Amizade, herdado por seu filho Ermírio do Rêgo Barros, casado com Minervina de Almeida Cabral. As gerações de dois de seus filhos, José Cabral do Rêgo Barros, casado com Maria José Lacerda de Barros, com quem teve quatro filhos: Conceição de Maria, Ermírio Rego Barros, Ninita Cabral e Fátima Cabral; e João Cabral do Rêgo Barros, casado com Zanira Cavalcanti Barros, com quem teve cinco filhos: Hosana Maria, João Gabriel, Rui Célio, Glória Maria e João Batista residem em

Escada e continuam contribuindo para o desenvolvimento do município.

Foi campo, também conhecido por zona rural canavieira, o local em que a família Mesquita, pelo lado materno originária dos Cavalcanti da cidade de Amaraji e pelo lado paterno dos Mesquitas, oriundos da cidade de Sirinhaém. A união entre as duas famílias deu continuidade a uma tradição que já estava na família há décadas ou séculos, produzir a cana de açúcar e seus derivados. A agricultura de cana de açúcar que durante muito tempo foi a principal atividade econômica do Estado de Pernambuco, também serviu como base fundamental no desenvolvimento econômico social, político e cultural da cidade de Escada na zona da Mata do Estado.

Nesse contexto, a família Mesquita, aqui representada pelo senhor Alberto Jacinto Mesquita e seu inseparável irmão Antônio Jacinto Mesquita, contribuiu incansavelmente na produção da cana de açúcar do engenho Uruçu, arrendado a Usina Massauassu em 1965 e que ficou nas mãos da família até o ano 2000. Era uma propriedade com 342 hectares, pequena comparada com outras da região, porém, eram rodeadas de mata atlântica, com muitas rochas, fontes hídricas e solo fértil. Entretanto a localização da propriedade era de difícil acesso, causando muita dificuldade na produção e escoamento das 7.000 toneladas de cana produzidas anualmente e fornecidas para as usinas como: Massauassu, Barão, Serra Grande, Sibéria, Engenho Pitu e outras, gerando emprego e renda na agricultura e fornecendo matéria prima para produção de açúcar, álcool e aguardente, contribuindo assim para aumentar a riqueza agroindustrial na região e no Estado.

Figura 5 - Casa grande da família Mesquita



Fonte: Acervo da família Mesquita.

Comércio e Serviços

Dentre as famílias que contribuíram para o desenvolvimento econômico de Escada na área do comércio e de serviços, se destacam os sobrenomes MONTE, CÂMARA, CABRAL, MINDUCA, LACERDA E GOMES PEREIRA no ramo de supermercados e mercearias. Na área da saúde, LOPES E SILVA, SINVAL DE CARVALHO, JOÃO BRUNO, PORTELA, NUNES, ALVES, BENEVOLO DO AMARAL, RIBEIRO PESSOA, GALDINO DOS SANTOS E SALES E SOUZA. Dentre as famílias citadas, podemos destacar a PORTELA, pois acreditando numa medicina humanizada e acessível a todos, fundou a CLIMESC – Clínica Médica da Escada e a clínica moderna de Ultrassonografia e Ressonância Magnética. Hoje temos também a família ALVES com a Clinical Center, que tem

a especialidade da Cardiologia, como ponto forte. Ressaltamos, o tradicional Laboratório de Análises Clínicas da Escada, da família GALDINO DOS SANTOS.

Salientamos também os grandes destaques no ramo de panificadoras: CÂMARA, MONTEIRO E SALLES E SILVA. No ramo de lojas de confecções, perfumaria, construções, peças para carros, móveis e magazine: PONTES GUIMARÃES, SANTOS E SILVA, GONÇALVES, SOUZA, VIEIRA DO NASCIMENTO, PEREIRA CAVALCANTI, OLIVEIRA MELO E ALVES ARRUDA. Temos em nossa cidade uma das maiores redes de lojas de móveis do estado de Pernambuco, e a Nordesteão da família GUIMARÃES MELO a MILENA MÓVEIS, da família PEREIRA CAVALCANTI. Serviços de transportes, famílias RAMALHO e CHAVES E SILVA, escritório de contabilidade, família ROCHA, DUTRA, LOBO E MIRANDA. Serviço funerário: família FIGUEIROA E SOUZA, Casa Noturna família PAIXÃO e cartório, família CHAVES. A família Ramalho, foi à precursora em transporte coletivo na cidade, com as lotações que circulavam e os munícipes de um bairro a outro.

Família Salles e Silva - Octavio Gaudêncio da Silva (Seu Tatá da Padaria) casou com Georgina Salles natural de Ipojuca e tiveram os filhos: Zuleide, Nivaldo (Vavá da padaria), Fernando (Nenem da padaria), Amara (Balu), José Otavio (Zito), Ivanete (Nete), e Maria Lucia (Lucinha).

Ainda jovem, Otavio Gaudêncio, um apreciador da cultura da sua cidade natal, financiou manifestações culturais como pastoril e agremiações de futebol. Em 1940 fundou o bloco carnavalesco Pirilampos. Anos depois fundou o bloco Flor do Dia, e em meados de 1953, o bloco Princesa de Bagdá. Empreendedor no ramo de comér-

cio iniciou suas atividades em uma Mercearia, no ano de 1935. Em 1944 adquiriu a Padaria Modelo na Rua João Manoel Pontual em Escada. Nessa atividade chegou a ser líder no mercado de pães pela qualidade dos produtos que fabricava.

Seu Tatá da padaria contou com a colaboração de todos os filhos nas diversas áreas do ramo para assegurar a qualidade, dos serviços e dos produtos oferecidos a sua clientela.

Seus filhos Vavá, Nenem e Zito deram continuidade ao mercado de panificação e pastelaria. Inicialmente na Padaria Modelo, e posteriormente com as padarias Indiana, Center Pão, e Sales E Silva. Fernando Sales era amante da natureza e da pescaria esportiva. Preocupado com a degradação do Rio Ipojuca, que corta a cidade de Escada-PE e outros municípios pernambucanos, fundou a Associação de Pesca Esportiva e Consciência Ambiental – ASPESCAE, em 2008, e promoveu a ECOVIDA. Promovendo grandes eventos de conscientização ecológica na cidade.

Amara Sales da Silva, conhecida como professora Balu realizou projetos de inclusão social. Nos abrigos de Santa Filonila, e Monsenhor, proporcionando aos idosos daquelas instituições, bem estar, prazer, alegria, e melhoria da autoestima.

A família Sales e Silva deixa um legado para preservação do meio ambiente, para a recuperação do Rio Ipojuca, para a educação, e para a economia do Município da Escada – PE.

A família CHAVES DA SILVA. Horácio Chaves da Silva, nascido em 1913, na cidade de Escada, filho único de Antônio Chaves de Araújo e Joana Francisca Arruda

da Silva. Com cinco anos de idade seus pais foram morar na cidade de Ribeirão-PE. Aos 16 anos foi diagnosticado com artrite reumatoide deformatória. Fez vários tratamentos na cidade do Recife e, como a medicina, naquela época, não tinha resposta satisfatória para essas enfermidades, quando aos 19 anos não conseguindo mais deambular (andar), inclusive de muletas, foi colocado então numa cadeira de rodas.

Embora paraplégico, não se deu por vencido, foi prestanista na cidade de Ribeirão, onde se tornou um grande comerciante. Retornou a sua cidade natal (Escada) onde se tornou um dos maiores comerciantes de confecção nesta cidade. Teve duas lojas de tecidos e materiais para costura, na Rua Visconde de Utinga, atendendo a todo entorno da cidade de Escada. Posteriormente, veio a se casar com a sra. Dalva Gomes Chaves da Silva, funcionária de sua loja de confecções e que muito contribuiu nos projetos e, com quem teve nove filhos (Antônio Carlos – Adeildo Chaves – Ângela Cristina – Abigail Chaves – Avany Chaves – Albanita Chaves – Alda Chaves – Aurelina Chaves e Ana Cláudia), além de três filhos antes do referido casamento (Marluce Chaves, Amaro Chaves e Carlos Alberto Chaves (falecidos)).

O Sr. Horácio em virtude de sua dificuldade de mobilidade (paraplegia) resolveu permanecer com sua família morando na parte baixa de nossa cidade, foi então, que em 1961 ocorreu uma das primeiras grandes enchentes em Escada, causando grandes prejuízos aos moradores, o que ocasionou a perda de mais de 70% de seu comércio. Entretanto, mais uma vez, não se deu por vencido e, mesmo diante de suas condições físicas, abriu a primeira loja de bicicletas em nossa cidade, onde posteriormente,

passou também a consertá-las e a proceder com o aluguel de bicicletas e lambretas, haja vista que com o crescimento populacional e criação de novos bairros a cidade se agigantava, além das tradicionais subidas e decidas que dificultava a locomoção das pessoas, eis que poucos possuíam automóveis naquela época.

Em 1970 - com a maior enchente já registrada em nossa cidade e, considerando que seu estabelecimento comercial e sua residência continuavam na cidade baixa, cujo nível das águas atingiu mais de 1,70 m de altura, não teve mais condições de permanecer com o seu comércio. Diante dessas calamidades e para ajudar no sustento da família a senhora Dalva passou a lecionar para jovens e adultos, sendo uma das primeiras professoras do Movimento Brasileiro de Alfabetização - MOBRAL - chegando a alfabetizar dezenas de escadenses, numa época em que a taxa de analfabetos era muito alta no Brasil e em especial na região Nordeste. Registre-se ainda que o Sr. Horácio Chaves foi vendedor de passagens da antiga Empresa Leão do Norte - primeira empresa de ônibus de nossa cidade, a qual foi vendida posteriormente para a São Domingos onde continuou vendendo, juntamente com sua esposa, passagens para as cidades de Escada, Cabo, Recife, Primavera, Amaraji dentre outros destinos no percurso dessas cidades.

Apesar de suas limitações (paraplegia nos membros superiores e inferiores), e sentado por dezenas de décadas em uma cadeira de rodas, nunca desanimou, nem se deu por vencido e, com muita força de vontade o casal deu a sua contribuição para o desenvolvimento de nossa terra, criar a numerosa família CHAVES DA SILVA e escrever seu nome nos anais de nosso Município. Ele faleceu aos

84 anos, no dia 22 de maio de 1998, contrariando todos os prognósticos, haja vista que não deambulava (andava, corria ou se exercitava) por mais de 65 anos.



A Família Lacerda - José Correia de Lacerda, filho de Antônio Correia de Lacerda e Antônia Eulália da Rocha. Nascido numa família de comerciantes Portugueses no Engenho Supitanga Município de Ipojuca, onde passou sua adolescência ajudando o pai Antônio Dumont de Lacerda, no barracão do engenho. Chegou a Escada com a família na década de 40, onde assumiu o barracão do Engenho Califórnia. De volta, empregou-se no comercio local, na mercearia do senhor João Mesquita. Casou com Tereza de Jesus Leal de Lacerda, com quem teve 6 (seis) filhos: Fátima, Suely, Tânia, José Alberto, Maria Eulália (Lala), Maria José (Zita), e um filho adotivo, Luiz Gonzaga da Silva (Lula). Com um espirito empreendedor montou seu próprio negócio, começou com uma pequena mercearia, e foi ampliando no comercio de Panificação, Frigorifico Mercadinho e Construção Civil, colaborando junto aos familiares (Esposa e Filhos) para o desenvolvi-

mento econômico do município, ofertando emprego a população escadense. Citando Vicente Correia de Lacerda, e Alfredo Correia de Lacerda (Alfredão). Com este exemplo de empreendedor de sucesso, e valorizando a família, deixa este legado para orgulho de seus familiares.

Família Gonçalves – senhor Tota, morava com seus familiares no Engenho dois mundos, lá ele já era mascate, veio para Escada em 1956 tentar a vida de comerciante. Comprou duas casas no coqueiro, uma para moradia e outra para o comércio. Em 1970 ele comprou o prédio do senhor João Ramalho no centro da cidade e mudou a loja de tecidos e confecções para lá. Ficou com a loja durante 60 anos.

Figura 6 – Loja Casa Santo Antônio de A.F. Gonçalves



Fonte: Acervo da família Gonçalves.

A contribuição da família CHAVES começa com o Henrique Ramiro Chaves, casado com outra escadense Amália de Queiroz Chaves, que teve durante anos o seu comércio de produtos diversos onde ele fazia questão de

manter artigos atualizados e de melhor qualidade. Foi sócio Fundador da Sociedade União Beneficente 25 de Março.

Deste casal, nasceram Luiz, Henrique, José Maria, Maria José e Olavo. Todos de alguma maneira, e cada um dentro de suas características e aptidões, sempre contribuíram para o desenvolvimento e divulgação da sua querida terra natal, Escada. Luiz faleceu muito novo. Henrique casou com Valdenice Leocádio, foi vereador por dois mandatos, depois foi cônsul do Brasil no Paraguai. Maria José casou com Getúlio Andrade (secretário da Prefeitura), também teve durante anos um comércio em Escada. Olavo casou com Gracinha Jansen e foi sempre, um dedicado funcionário da Cia Industrial Pirapama. José Maria tornou-se o Oficial do 1º Cartório de Registro Civil de Escada. A esposa de José Chaves, dona Ruth Chaves como era conhecida, foi professora municipal durante muitos anos e atuou ativamente junto com outras senhoras da sociedade escadense, em movimentos sociais como o Clube de Mães, destacando-se a construção e instalação do Hospital Municipal de Escada, um dos primeiros na região e que funciona até hoje.

Os Chaves e Getúlio Andrade faziam parte do coro da igreja e cantavam nas missas e outros momentos solenes da cidade. Com certeza ainda permanece na memória afetiva de muitos casais, o som da Ave Maria, brilhantemente cantada por “seu Zé Chaves” em quase todos os casamentos religiosos ou civis e em muitas outras comemorações. A família Chaves foi sempre muito atuante na vida de Escada quer na vida social, política e religiosa. Mesmo os que se ausentaram permanecem ligados a seu berço natal com a presença de José Mauro Chaves que tem do pai,

José Maria Chaves, além das mesmas iniciais - JMC - um grande amor pela terra natal, tanto que deu a sua fazenda o nome de RAÍZES e fundou a CAVALGADA RAÍZES, que por muitos anos desfilou com grande números de cavaleiros que vinham de todo o estado para percorrer os engenhos de nossa cidade, como forma de manter ativos os fortes laços de amor e orgulho que sempre ligaram o seu pai a sua terra natal que ele orgulhosamente chamava de “minha Escada”.

Figura 7 – Casal José Chaves Ruth Chaves



Fonte: Acervo da família Chaves

Política

Podemos destacar as famílias: Santos Dias, Biase, Holanda Cavalcanti, Cavalcanti de Albuquerque, Bezerra, Alves e Silva, Buarque, Ribeiro, Leite, Novaes, Sampaio, Gomes, Araújo, Santos, Albuquerque, Arruda Falcão, Barreto Lins, Crispim de Oliveira, Xavier da Cunha, Rodrigues, Araújo Pereira, Barros Filho, Cabral de Souza,

Durval, Ferraz Barreto, Ferreira, Rufino e Souza Leão Wanderley. Nessas famílias tivemos prefeitos, vereadores e deputados.

Uma das famílias mais tradicionais de Escada é a Ribeiro. Maximiano Ribeiro da Silva e Zulmira Ribeiro da Silva foram genitores de cinco filhos: Ademar, Celene, Isaura, Cláudio e Maria José. Em setembro de 1975 a família fundou a conhecida Lojinha Santa Rita, pioneira no centro da cidade e que neste ano de 2018 completa 43 anos de funcionamento e sucesso. A lojinha é familiar, empregando sempre membros de várias gerações dos Ribeiro.

Um dos filhos de Maximiano e Zulmira foi eleito em 1973/1977 vereador do município. Trata-se de Ademar Ribeiro da Silva, um ilustre escadense que faleceu aos 91 anos de idade. Ademar muito contribuiu com o desenvolvimento econômico e social da Terra dos Barões através da política do bem. Fundador e eterno presidente do Clube Intermunicipal da Escada, Ademar era ainda membro do Conselho Paroquial, participando por décadas da organização da Festa de Nossa Senhora da Escada. Na vida profissional, foi por bastante tempo servidor da Prefeitura Municipal, tendo muito contribuído em várias gestões, quando ocupou cargos de relevância e de extrema confiança.

De caráter ilibado, era ainda conhecido pelo carisma e comportamento participativo. “Raposa velha” na política ditou durante muitos anos os rumos da conjuntura local, sendo soldado fiel do eterno governador do estado Miguel Arraes de Alencar, de quem era amigo. Fundador do MDB foi por muitos anos integrantes de vários partidos de esquerda, a exemplo do PSB, PDT e PMDB, partido que era presidente na ocasião do seu falecimento, a pedi-

do do ex-governador Jarbas Vasconcelos. Festeiro, Ademair era também um grande incentivador da cultura local e das grandes festas. Casado com Isabel Ribeiro e pai de sete filhos, Maria José, Inês, Ângela, Ademair Filho, Emanuel, Isabel e Ana Claudia.



Considerações Finais

A intenção de resgatarmos um pouco da história dessas famílias é para que as próximas gerações tenham a possibilidade de, através desse pequeno recorte das famílias citadas, conhecer as pessoas que contribuíram e que contribuem até hoje para o crescimento econômico, social, cultural e político de nosso município, bem como provocar aqueles que tenham interesse em desenvolver novas pesquisas de cunho literário e biográfico de outras famílias escadenses.

2. Roteiro de orientação didática

Título da atividade: *O desenvolvimento do município a partir de famílias empreendedoras*

Objetivo: Conhecer um pouco da história das famílias que se destacaram e contribuíram no desenvolvimento do nosso município. Realizar pesquisa qualitativa com os alunos do ensino médio. Construir a árvore genealógica dessas famílias e conhecer com precisão o quanto elas contribuíram e continuam contribuindo com o desenvolvimento social, econômico e cultural do município.

Tempo: A atividade deve ser desenvolvida durante o segundo semestre e culminar com apresentação de um seminário sobre as famílias, com a presença da AELE, do Instituto Histórico ou de organizações que cuidam dos patrimônios material e imaterial da população escadense e dos familiares remanescentes.

Total de participantes: Formar equipes de 06 alunos com as turmas do primeiro e segundo anos do ensino médio.

Disciplinas envolvidas: História, Geografia, Sociologia, Filosofia e Língua Portuguesa.

Descrição da atividade: 1. Construir uma árvore genealógica; 2. Fazer uma pesquisa histórica sobre as famílias; 3. Realizar um levantamento geográfico sobre os bens dessas famílias. 4. Perguntar: Que atividades hoje a família continua a desenvolver?

Material necessário: Pesquisa com as famílias e seus descendentes. Livros, artigos, revistas, jornais locais, TCCs, dissertações e teses.

Formas de avaliação: Seminários; apresentações de banner, documentário e exposição de fotografias das famílias, entre outros.

Referências e bibliografia consultada

BASTOS, Narciza Cristina de Albuquerque, **Reflexões**, [s.n] 2011.

FREYRE, Gilberto. **Açúcar: uma sociologia do doce, com receitas de bolos e doces do Nordeste do Brasil (1939)**. 5^a ed. São Paulo: Editora Global, 2007.

Depoimentos e escritos fornecidos pelas famílias, 2018.

A LITERATURA DE CORDEL E SUA RELEVÂNCIA PARA O ENSINO E APRENDIZAGEM: UMA PROPOSTA DE OFICINA PEDAGÓGICA

*Maria Elizabeth Varela Leocádio*¹⁹

*Valdecí Leocádio de Siqueira Filho*²⁰

Introdução

A literatura de cordel trazida ao Brasil pelos portugueses no período colonial tem como base fundamental a sonoridade das palavras que facilita a assimilação para quem está ouvindo a declamação ou lendo. Sua propagação se deu quando a sociedade da época necessitava da atualização dos fatos ocorridos e considerados relevantes.

Normalmente a literatura de cordel retrata as histórias de bravura do homem do Nordeste, fatos engraçados, o cotidiano das pessoas simples ou enaltece os patenteados e suas posses e registra importantes momentos culturais e sociais.

19 Especialista em leitura e produção textual; Professora da área de linguagem e Poeta.

20 Especialista em História do Brasil; Pedagogo, Professor e Cordelista.

A denominação cordel vem do fato de que, ainda hoje, os folhetos com essas histórias são colocados à venda nas feiras pendurados no cordão (SILVA, 2008, p. 44).

É interessante observar que na atualidade, na região do nordeste brasileiro, os escritores de cordel mantiveram esta literatura como fortalecimento de uma cultura extremamente rica em sua diversidade criativa. No estado de Pernambuco, nas cidades onde existem pólos artísticos característicos da localidade, encontram-se cantadores de viola, repentistas e cordelistas entrelaçando as artes à vida cotidiana, a exemplo de Santa Cruz do Capibaribe, forte em confecção do jeans, Tracunhaém que movimenta a sua economia na arte com argila, além de Caruaru com sua diversidade artística cultural, onde se localiza a Academia dos Cordelistas. Todo esse movimento demonstra um forte exemplo de resistência da literatura de cordel dentro da cultura popular, mantendo viva esta arte de escrever, cantar e encantar.

O município de Escada/PE, vale ressaltar que tem uma grande tendência às artes plásticas, destacando-se os pintores: Cícero Dias, Manoel Bandeira, Amaro Arruda Cabral, Paulo de Tarso, Carmita Biase e tantos outros, além de talentosas artesãs com os seus trabalhos diversificados, sobretudo, com excelentes pinturas de panos de prato. Na literatura a exemplo das outras cidades já citadas, Escada também fortalece a literatura de cordel com os artistas Valdecí Leocádio, Maria Elizabeth Leocádio, Elí Rodrigues e outros.

Na literatura de cordel de Escada dos artistas citados é importante salientar a participação incansável do cordelista Valdecí Leocádio que durante décadas vem de forma ativa, participando da divulgação e preservação dessa

cultura no município, como também, sua participação em conferências, seminários e palestras a nível nacional e internacional. Destas, ressalta-se a Feira Internacional do Livro (FLIPO) realizada em agosto de 2014 no município de Ipojuca/PE, onde atuou como palestrante, além de ministrar oficinas literárias nas várias cidades do estado de Pernambuco e outros estados. Ressalta-se também, a publicação do cordel “Brazil Alienado” no livro A Grande Aventura (2005, p. 34 a 37) e do cordel “Chupa Cabra” no já citado livro (2005, p. 37).

Brazil Alienado

Quase tudo no Brasil
Tem nome de estrangeiro
E o povo ainda diz
Eu sou puro brasileiro
Pois tudo em nosso país
É como dos europeiros
(...)

Apartamento é flat
Grande loja Shopping Center
Pra mim tudo é blefe
Mas o povo quer manter
Essas coisas de inglês
Não dá para entender
(...)

Certa vez adoeci
Fui parar no hospital
Sem saber onde estava
Quase que eu me dei mal
Um tal de Albert Sabin

Era o nome do tal
(...)
Namorado hoje só diz
I love you meu amor
O romantismo matuto
No norte já se acabou
Valei-me meu Padinho Cijo
Nosso norte entortou
(...)

Cordel Chupa Cabra

Nesta vida tem história
Difícil de acreditar
Voce não fique alarmado
Com o que eu vou relatar
A história do Chupa Cabra
Esta é mesmo de lascar.
(...)

Assim, neste trabalho desenvolvido especificamente para o município de Escada, será apresentado pelo cordelista Valdecí Leocádio e a poetisa Elizabeth Leocádio, uma proposta de oficinas literárias para produção de em sala de aula através da musicalidade, da simetria, dos versos e estrofes.

Com essa perspectiva a presente proposta que faz parte da obra Como Ensinar e Aprender sobre o Município da Academia Escadense de Letras (AELE) tem como finalidade aprimorar o conhecimento literário provido de ludicidade, focando a literatura de cordel nas diversas áreas do conhecimento para uma melhor assimilação do

educando dos anos iniciais do ensino fundamental, objetivando a sua continuidade e propagação de uma arte escrita e oral que fortalece a história e os costumes do nosso povo.

ROTEIRO DE ORIENTAÇÃO DIDÁTICA

- Título da atividade: Literatura de cordel como instrumento para o ensino e aprendizagem nos anos iniciais do ensino fundamental.
- Público: Estudantes dos anos iniciais do ensino fundamental.
- Objetivo geral:
 - Desenvolver com os estudantes oficinas de literatura de cordel objetivando o aprimoramento na arte de escrever em versos simétricos e rimas.
- Objetivos específicos:
 - Explorar a sensibilidade dos participantes treinando o ouvido musical para percepção dos sentidos.
 - Possibilitar a associação da análise poética, musical e contextual.
 - Exercitar através da escrita dos versos, a essência da literatura de cordel e possibilitar espaço para o surgimento de novos talentos na arte de escrever.
- Tempo: Cada oficina com duração de 04 horas au-

las.

- Total de participantes: 40 alunos (uma turma).
- Disciplinas envolvidas: Língua Portuguesa, Arte, Ciências, Geografia, História e Matemática.
- Descrição da atividade:

Elaborar uma oficina de literatura de cordel é transmitir uma arte centenária que agrega valores no processo de ensino e aprendizagem possibilitando assim, o entendimento e a assimilação cognitiva por parte do educando de forma lúdica e prazerosa.

No caso dos anos iniciais essa metodologia irá contribuir para melhor desenvolver habilidades das contagens fonêmicas, favorecendo a decodificação dos vocábulos de forma poética.

Assim, para se trabalhar a literatura de cordel em sala de aula se faz necessário escolher variadas temáticas que demonstrem interesse entre os educandos, seja com enfoque atual ou não, levando em conta a faixa etária e o grau de aceitação dentro da discussão. A valorização do contexto tem expressiva importância no processo de escolha da temática.

Nesse sentido, apresentaremos a seguir as etapas metodológicas a serem utilizadas na oficina, estruturadas em cinco momentos:

1º MOMENTO:

- Realização de uma dinâmica musical com os edu-

candos e educadores para integrá-los no contexto musical e literário.

- ❖ Na realização da dinâmica sugerimos que seja utilizada a música “Com a chuva que caiu” de autoria de Valdecí Leocádio e solicitado aos participantes que cantem imitando animais (relincho do cavalo, o canto dos pássaros) e o barulho da chuva. Neste momento é importante incentivar a participação de todos os estudantes. Caso seja constatada dispersão dos participantes, com o objetivo de possibilitar uma maior interação, orientamos que os mesmos sejam organizados em dois grandes grupos. Desta feita, reinicia-se a dinâmica solicitando que o grupo da direita cante parte da música e o grupo da esquerda dê continuidade na perspectiva do fortalecimento da interação e participação de todos.

COM A CHUVA QUE CAIU

Autoria: Valdecí Leocádio

Meu cavalo relinchou
O meu cachorro latiu
O meu pássaro cantou

Com a chuva que caiu (refrão)

Natureza se alegrou
(refrão)

A lagoa já encheu
(refrão)
Transbordou e escorreu
(refrão)
Foi direto para o rio
(refrão)
E desaguou para o mar
(refrão)
Levando o nossos defeitos
(refrão)
Lavando os nossos defeitos
(refrão)

2º MOMENTO

- Seleção de temáticas atuais ou não:
 - ❖ Dividir a turma em pequenos grupos e distribuir entre os mesmos recortes com imagens e/ou fotografias que retrate o contexto;
 - ❖ Orientar a leitura e interpretação das imagens/fotografias de modo a estimular o processo de escolha do tema a ser trabalhado;
 - ❖ Solicitação aos estudantes que escrevam frases referentes às figuras expostas;
 - ❖ Na medida em que os estudantes construírem as frases, oicineiro transcreverá para a lousa cada frase elaborada, uma abaixo da outra;
 - ❖ Com todas as frases transcritas, o icineiro deve estimular os estudantes a fazer a leitura repetidas vezes;
 - ❖ A partir de discussões nos pequenos grupos

será escolhida a temática que norteará a construção da literatura de cordel.

3º MOMENTO

➤ Construção da 1ª estrofe do cordel:

- ❖ Das frases restantes se dará início a construção da 1ª estrofe do cordel tendo em vista a boa assimilação através da leitura realizada;
- ❖ Exposição sobre a elaboração da 1ª estrofe: cada verso deverá conter sete contagens fonêmicas, precisamente, não confundir com as contagens silábicas gramaticais;
- ❖ Orientações sobre as rimas: considerando que o 1º verso poderá ser solto, ou seja, sem rima e começando a amarração da rima a partir do 2º verso (segundo com o quarto e o quarto com o sexto verso para construção de uma estrofe) determina-se dessa forma a classificação das rimas como cruzadas, alternadas e entrelaçadas;
- ❖ Seguindo a mesma orientação para a elaboração das estrofes seguintes.

4º MOMENTO

➤ Construção do cordel:

- ❖ A partir da arrumação de frases e rimas, o cordel será elaborado coletivamente pelos participantes;

- ❖ Considerando que o cordel construído na íntegra não deverá conter menos de 24 estrofes.
- ❖ Quanto à capa do cordel, esta poderá ser em xilogravura (momento para outra oficina) ou desenhado a mão pelos integrantes.

5º MOMENTO:

➤ Exposições dos cordéis:

- ❖ Após a confecção dos cordéis com os nomes dos autores, será escolhido na escola um espaço para a leitura e declamação do mesmo.

❖ MATERIAL NECESSÁRIO:

- Um data show; uma resma de papel ofício ou papel jornal, lápis grafite (40 unidades) ou lápis de cor preto (08); Lápis para lousa (01), apagador (01).

❖ CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO:

- A avaliação dar-se-á durante todo o processo a partir da participação, da construção de frases e versos, da escrita e da oralidade, da musicalidade e do enriquecimento na rima.
- Nesse sentido, o aluno (a) aprenderá ensinando, conhecendo, fazendo, convivendo e aprendendo a fazer.

❖ DICAS DE LEITURA:

- SALES, Adriano de Souza et al. **I Antologia: contos, cordéis, crônicas, poesias**/ Academia Escadense de Letras. Editora Bagaço, Igarassu /PE, 2013.
- CAVALCANTI NETO, Ana Lucia.; et al. **III Antologia: contos, cordéis, crônicas, poemas** / Academia Escadense de Letras. Editora Bagaço, Igarassu /PE, 2015.
- CAVALCANTI NETO, Ana Lucia Cavalcanti.; et al. **V Antologia: contos, cordéis, crônicas e poemas**. Edições Rascunhos, Recife, 2017.
- LEOCÁDIO, Valdecí. **Cordel Coleta Seletiva**. 2014.

Referências

CARVALHO, Regina e ANSON, Vera Regina. **A grande aventura**. FTD São Paulo, 2005.

SILVA, Antonio de Siqueira e BERTOLIN, Rafael. **Curso completo de Português coleção horizonte**. IBEP, São Paulo, 2008.

PRESERVAÇÃO E CONSERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO: UMA AVALIAÇÃO PARA OS BENS IMÓVEIS NA ÁREA URBANA E RURAL DO MUNICÍPIO DE ESCADA – PERNAMBUCO

Álex Ântony da Cruz Mendonça²¹

Mariinha Leão²²

Introdução

O Município de Escada está localizado ao sudeste da região metropolitana do Recife, inserida na microrregião da mata sul. Pertencente à zona fisiológica da mata (Litoral-Mata), ocupa uma área geográfica equivalente a 343 km², o que representa 0,34 da superfície do Estado de Pernambuco, distante 63 km da capital Pernambucana e acesso pela BR 101.

21 Bacharel em Arqueologia (UFPE); Diretor do Museu Cícero Dias; Membro do Instituto Histórico, Arquitetônico, Arqueológico e Geográfico da Escada; Acadêmico efetivo da Academia Escadense de Letras (AELE).

22 Graduada em História (FUNESO); Especialista em História de Pernambuco; Historiadora; Compositora do Hino Municipal da Escada; Poeta; Membro do Instituto Histórico, Arquitetônico, Arqueológico e Geográfico da Escada; Acadêmica fundadora da Academia Escadense de Letras (AELE).

Primitivamente, o município de Escada foi habitado por três tribos indígenas: Mariquitos, Potiguares e Tabajaras, o documento que se tem conhecimento sobre essas aldeias data de 1685, quando o Governador da província, João da Cunha Souto Maior, enviou ao Sargento-mor uma carta ordenando o recolhimento desses índios das matas, para alojá-los nas casas e ranchos do povoado.

A denominação do nome “Escada” provém do fato dos missionários Jesuítas encarregados de catequizar os índios, resolveram erigir no alto de um morro, onde se encontra hoje a atual Igreja Matriz, um nicho para louvor a Nossa Senhora D’Apresentação. Para facilitar o acesso até o nicho, os índios escavaram, na encosta do barro, uma escadaria, acrescentando assim o nome “Escada” a Santa, a qual ficou conhecida como Nossa Senhora da Apresentação da Escada, originando assim o nome do município.

No local onde outrora foi erguido o nicho, deu-se lugar a uma Capela com a mesma devoção, a qual serviu de templo matriz por certo tempo, até que em seu lugar foi construída a atual Igreja Matriz de Nossa Senhora da Apresentação de Escada, em 1874, pelo Frei Caetano de Messina Sobrinho.

Escada tornou-se cidade através da Lei Provincial de N° 1093, de 24 de maio de 1873, quando se comemora a data de sua Emancipação Política. É um município bastante rico em diversos atrativos, sejam na área cultural, natural e arquitetônica. Podemos destacar algumas edificações históricas ainda existentes em nossa cidade, do fim do século XIX ao início do século XX, classificadas de patrimônios culturais e históricos.

A palavra “PATRIMÔNIO” significa herança paterna ou familiar, bens de natureza econômica herdados por

alguém ou acumulados durante uma vida, que se tornam “PATRIMÔNIO CULTURAL” por não interessar apenas a uma única pessoa, pois é uma herança coletiva, deixada por alguém pela sua importância ou representação histórica para uma população.

A herança patrimonial não é estática, modifica-se ao longo das gerações, de acordo com o surgimento de novas necessidades. O patrimônio cultural revela os múltiplos aspectos da cultura de uma comunidade. No Brasil, a busca pelo reconhecimento do patrimônio nacional se iniciou na década de 1920 e até hoje se procura abranger a rica diversidade cultural do nosso território, tendo em vista o reconhecimento da miscigenação entre as culturas étnicas para a formação da identidade brasileira.

No município de Escada temos uma rica herança deixada por nossos ancestrais, grandes latifundiários dessa terra tão fértil, encontradas na zona rural e urbana e infelizmente o significado da palavra “PRESERVAÇÃO” não é muito valorizado, por falta de uma lei de “TOMBAMENTO”, pois nos últimos anos tivemos lamentáveis perdas na arquitetura histórica de nossa cidade, desaparecendo assim um pouco da sua identidade cultural.

O tombamento é o ato legal de reconhecimento do valor cultural de um bem, que o transforma em patrimônio oficial e institui regime jurídico especial de propriedade, levando-se em conta sua função social. É um ato administrativo, cuja competência no Brasil é atribuída pelo Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, realizado pelo poder executivo. Pode ocorrer em nível federal, feito pelo Iphan ou ainda em esfera Estadual ou Municipal, com o objetivo de preservar, por intermédio da aplicação de legislação específica, bens de valor histórico, cultural,

arquitetônico, ambiental e também de valor afetivo para a população, impedindo que venha a ser destruídos ou descaracterizados. O nome tombamento advém da torre do tombo, o arquivo público português, onde são guardados e conservados documentos importantes da história.

Neste capítulo, objetivamos resgatar, preservar e conservar a memória arquitetônica e histórica do município, evidenciando a relevância desses bens para o conhecimento da população e gerações futuras, despertando o interesse dos alunos para pesquisas de cunho de proteção e manutenção das edificações remanescentes, levando-os a refletir acerca da importância desses prédios para a construção de uma sociedade com traços arquitetônicos, coloniais, ecléticos, grego/romano, gótico, barroco entre outros estilos, simultaneamente fazendo uma comparação com os modernos estilos arquitetônicos.

Serão apresentados alguns desses prédios para análise e apreciação dos alunos, pesquisadores e população em geral, na zona rural e urbana de Escada, que mostram os estilos edificados, costumes, o dia a dia, personalidades que residiram ou passaram, tornando-as patrimônios históricos e culturais do município de Escada, apresentando fatos e fotos para conhecimento, fortalecimento e valorização de nossa cultura.

1-1 Preservação e Conservação das Edificações Arquitetônicas da área urbana do município de Escada.

❖ Igreja Matriz de Nossa Senhora da Apresentação da Escada

Localizada no centro da cidade, mais precisamente na Rua da Matriz, foi construída no ano de 1874, pelo Frei Caetano de Messina Sobrinho, com autoria arquitetônica do Frei Francisco de Vicenzi, o mesmo arquiteto da Igreja da Penha, no Recife. A fachada da Matriz de Escada tem 18m e 20 cm de largura e 14m e 40 cm de altura, com estilo indefinido apresentando características do barroco, grego/romano e gótico. Possui 05 grandes portas de entrada, sendo uma central maior e as demais laterais. Acima da porta central, encontramos um óculo com vitral com a imagem da padroeira do município e dois laterais nas torres com imagens de santos, sendo que numa dessas torres encontram-se os sinos, em ambas estão fixadas no alto uma cruz de ferro. No interior existe um altar-mor em estilo barroco rococó, com a imagem centenária de Nossa Senhora da Apresentação da Escada.

Essa suntuosa edificação passou por diversas reformas na área externa com a retirada dos carneiros em alto relevo, os quais ficavam localizados nas torres e um imponente galo acima da porta central, onde hoje encontrasse o vitral com a imagem de Nossa Senhora da Escada. Na parte interna, perdeu um pouco de sua originalidade, onde não encontramos hoje elementos de sua construção original, ex: mudança no piso, remoção de túmulos de valor histórico para o município, emassamento das paredes, colocação de ventiladores, ar-condicionado modernizando o ambiente, entre outros. No seu entorno existem casas comerciais, residenciais e agências bancárias, embora tenha sofrido algumas danificações, seu estado de preservação é ótimo e é um bem histórico não tombado.

Farmácia Santa Terezinha

A Farmácia Santa Terezinha, conhecida popularmente como Farmácia de “Seu Santo”, construída no fim do século XIX, fica localizada no centro do comércio de Escada e foi uma das primeiras farmácias de manipulação do Estado de Pernambuco, cujo mobiliário e equipamentos de laboratório encontram-se no interior do prédio. Na fachada há seis portas em arcos, sendo três que serviam de acesso ao local e as demais, de janelas; na parte superior do prédio encontramos uma águia e duas pinhas de louça nas extremidades. A centenária farmácia foi tombada pela FUNDARPE, na década de 1980 a pedido do saudoso proprietário, Manoel Lopes da Silva “Seu Santo”, o qual era farmacêutico.

O imóvel encontra-se hoje abandonado, com seu telhado original desabado, substituído por telhas Brasilit. Suas paredes externas estão, aos poucos, degradando-se. Contudo, a farmácia de “Seu Santo” é um bem histórico tombado, não preservado, correndo o risco de gerações futuras não conhecer esse belíssimo exemplar do século XIX.

Cine Teatro Visconde de Utinga

Situado à Rua Visconde de Utinga, esquina com a Rua Samuel Campelo, foi construído em 1934 e é um dos prédios de maior valor cultural do município, nele foi afixada uma placa em homenagem a Samuel Campelo por Dr. Carlos Pereira da Costa, em 1946. O espaço tem capacidade para 700 pessoas e na sua fachada existem três grandes entradas, as quais dão acesso à parte interior do

cine-teatro.

Atualmente o prédio encontra-se desativado, mas sendo administrado pela paróquia do município. Após o fechamento do cinema, o espaço já serviu de comitê político, igreja evangélica e casa de shows, nesta última sinalizamos danificação das características originais na parte interna com o nivelamento do piso e a retirada e vendas das bancas do cinema. É um bem histórico não tombado, o qual estará em breve passando por uma restauração para reativação do Cine-Teatro. No entorno existem casas residenciais e lojas e seu estado de conservação é mediano.

Fábrica Pirapama

A Fábrica Industrial Pirapama foi fundada em 1924 pelo Dr. Luiz Dias Lins, engenheiro por formação e um dos responsáveis pelo desenvolvimento local. Conta-se que, estando diante da queda d'água do rio Pirapama, o fundador teve a ideia de gerar a energia que seria utilizada na sua indústria de tecidos. Em 1926 a cidade de Escada começou a receber os benefícios da energia elétrica gerada na barragem Pirapama, situada no Engenho Cachoeira Tapada e no ano seguinte, o município de Vitória de Santo Antão também passou a usufruir a referida energia. Com mais de 90 anos, a indústria, passa por uma crise que atinge todo nosso país, fazendo com que a Pirapama reduzisse seu quadro de funcionários e de produção. Quase toda família escadense possui um membro que trabalhou ou ainda trabalhou nessa histórica fábrica. Seus produtos (tecidos, flanelas e etc.) eram vendidos em todo o Brasil e em todo território nacional existiam repre-

sentantes para difundir e vendê-los, genuinamente escadense. A Pirapama é um bem histórico não tombado que conserva todo seu patrimônio desde a sua fundação, estando em estado de conservação regular.

Casa de Nº 51 da Rua da Matriz

Localizado à Rua da Matriz, o sobrado de Nº 51, edificado por Henrique Marques de Hollanda Cavalcanti (Barão de Suassuna), no século XIX, servia de casa de veraneio da Baronesa de Suassuna. Foi construído em dois pavimentos, sendo um térreo com uma porta e duas janelas e em sua fachada superior, três grandes portas, adornadas por cornijas e guarda-corpos e no alto de sua edificação, adornos decorativos.

Este bem histórico não tombado pertence hoje a Paróquia de Nossa Senhora da Escada, o qual serve de secretaria paroquial. Encontra-se em perfeito estado de conservação, embora tenha perdido sua originalidade interior com a retirada de paredes, pisos e forro para adaptação da secretaria.

Casa de Nº 52 da Rua da Matriz

Localizada à Rua da Matriz, a casa de nº 52 foi construída no fim do século XIX mais precisamente no ano de 1897 para sediar o primeiro Colégio Estadual de Escada, denominado de Escola Coronel Antônio Marques. O prédio também serviu para o Colégio Industrial de Escada, onde os alunos aprendiam o ofício da marcenaria, elétrica, práticas domésticas e comerciais. Com a mudança do Colégio Industrial o prédio foi ocupado pela Dele-

gacia em meados de 1970 até início da década de 1980, quando o espaço foi desocupado e passou um bom tempo abandonado. Atualmente, o prédio serve como agência da Caixa Econômica Federal. A edificação foi totalmente restaurada, preservando apenas a sua fachada que possui dois planos com janelas em forma de arcos, com cercaduras e uma porta grande em formato de arco onde contém acima, em alto relevo, a data de sua construção. É um imóvel histórico, não tombado e ao seu entorno existem lojas e casas residenciais.

Casa anexa ao lado da Igreja Matriz

O imóvel foi construído no fim do século XIX, para instalação da Escola de Catequese aos filhos dos paroquianos, com o passar dos anos o espaço passou a sediar a Escola Manoel Borba, a qual era mantida pelo Barão de Suassuna, que mesmo após sua morte os familiares continuaram bancando esta instituição até certo período. Seu estado de conservação é ótimo, mantendo características de sua construção original na fachada, no entanto passou por modificações na área interna, com retirada de pisos, paredes, forros, e construção de novas salas, banheiros e etc, para servir como sede da Agência de Trabalho do Município. Este imóvel é um bem histórico, não tombado, com ótimo estado de conservação e em seu entorno existem casas residenciais e lojas.

Antiga Estação Ferroviária.

A Antiga Estação Ferroviária de Escada foi inaugurada em 30 de novembro de 1860, com todas as acomoda-

ções necessárias ao tráfego, estando em sua inauguração o Imperador e o Diário de Pernambuco, que registrava toda a solenidade. Na década de 1970 o prédio original foi demolido para dar lugar a um “prédio moderno”, o qual se encontra sem uso desde 1980, quando acabou o transporte de passageiros. A antiga estação era uma construção inglesa e foi demolida pela própria rede ferroviária, configurando uma perda histórica e arquitetônica para o município de Escada. Hoje restam apenas o pontilhão, a base da estação e as lembranças do que um dia foi um marco e um avanço para o município.

Casa do Sítio Pompéia

Localizada no sítio da Pompéia, mais precisamente no bairro do Atalaia, representa um dos marcos históricos da cidade, pois nesta casa realizou-se a segunda Conferência do Centro Republicano de Pernambuco. Estilo chalé, a casa encontra-se em regular estado de conservação, tendo uma porta central na fachada principal, ladeada por 04 janelas, o alpendre é em «U», apoiado por canos de ferro com guarda-corpos no mesmo material, seu telhado construído em duas águas com lambiqueis e mais em cima, adornos em alto relevo.

Podemos ainda mencionar outros bens arquitetônicos e históricos existentes em nossa cidade: *A Casa Paroquial, Prédio da Biblioteca Municipal, Farmácia “O Cruzeiro”, Cadeia Pública Municipal, Chafariz Nº 02, O prédio da Farmácia de João Doutor, A Camponesa, Cemitério São Luiz, Prédio do Consultório de Dr. Marco Antônio, Residência da Família Siqueira, Antiga residência de Mario Leite, O Sindicato dos Tecelões, Capela Santa Filonila, Residência da Família Mesquita,*

Câmara Municipal, Prédio da Sociedade 25 de Março, prédio do antigo Ginásio Nossa Senhora da Escada, Padaria Indiana, Instituto São José, ruína da antiga ponte destruída na enchente de 1970, prédio do antigo grupo rural, conjunto de casas das Ruas Cândido Dias e Coronel Antônio Marques(Compra Fia-do), Vila Operária e Pátio de Eventos.

1-2 Perdas e Conservação das Edificações Arquitetônicas da área rural de Escada.

Casa Grande do Engenho Firmeza

Seguindo a BR-101 Sul, sentido Ribeirão, a aproximadamente 4,5 km da sede do município, após 2,5 km acessar estrada vicinal, encontrava-se a casa-grande que possuía um elemento raro na arquitetura pernambucana, o pátio interno. Estava classificada como Bangalô, apesar de ter telhados independentes (casa e alpendres), em duas águas. O alpendre externo tinha canos de ferro apoiados em bases de alvenaria, todos os vãos eram vergas retas abertas, no seu frontão os adornos em massa eram vistos nas três faces protegidas pelo alpendre. Era residência de Francisco Antônio de Barros e Silva (Barão de Pirangy), conhecido também como Barão de Firmeza por causa da propriedade. Infelizmente a casa grande de raro elemento na Arquitetura pernambucana foi demolida para uma construção de uma empresa que até o momento não aconteceu.

Casa-Grande do Engenho Matapiruma

Distante 18 km da sede do município, foi uma

das residências do Barão de Suassuna, ficando também famosa por ter hospedado o Imperador D. Pedro II, em 1859. Datava do início do século XIX e era um Conjunto arquitetônico: Casa-grande, capela e senzala, esta era construída entre a casa-grande e a capela. Seu alpendre arqueado em alvenaria, de fustes cilíndricos e capitéis toscos, possuindo um estilo colonial autêntico. Hoje avistamos apenas ruínas dos trechos de uma fundação e raros pedaços de paredes e base. A capela, cuja padroeira era Nossa Senhora da Conceição, foi construída anos após a construção da casa-grande.

Casa-Grande do Engenho Contendas

Construída na segunda metade do século XIX, a casa-grande, embora semiarruinadas, ainda impressiona por suas características notáveis e de grande dimensão. Implantada à meia encosta, tem um pavimento térreo, cuja área corresponde à metade do pavimento superior. O pé-direito e dimensões dos cômodos do pavimento térreo indicam sua função social, conforme ainda se avista em um pequeno trecho ao lado direito da fachada, todo o alpendre superior apoiava-se em delgados canos de ferro e era guarnecido por grade do mesmo material. Já as colunas da galeria do pavimento térreo tinham fustes cilíndricos em alvenaria de tijolos. Abandonada e envolvida pela vegetação, seu entorno é marcado por construções que compunham a sede do engenho e canavial. A mesma era residência do Barão de Contendas, Antônio Epaminondas de Barros Correia.

Casa-Grande do Engenho Limoeiro Velho

O Engenho Limoeiro Velho fica a aproximadamente 14 km da sede do município. A casa-grande, de grande valor histórico e cultural do município, pois a mesma pertenceu a Belmino da Silveira Lins (Barão da Escada), foi construída no século XIX, mais precisamente em 1875, em estilo neogótico. Possui dois pavimentos, sendo o térreo com alpendre em “L”, colunas de ferro e guarda-corpos em alvenaria; no andar superior o telhado é coberto por uma platibanda e cornija. Os vãos superiores e inferiores são cobertos em arcos ogivas com cercadura. Próximo a casa-grande foi construída uma capela em estilo neoclássico, com três naves e acima um telhado contínuo, seu adro é murado com portão de ferro.

Após uma restauração no ano de 2017 pelo atual proprietário, ambos os prédios, encontram-se em perfeito estado de conservação.

Casa-Grande do Engenho Jundiá

A aproximadamente 15 km da sede do município encontra-se a casa-grande do engenho de maior valor artístico de Pernambuco, por ali ter residido o mundialmente famoso, pintor Cícero Dias. A casa-grande, construída na segunda metade do século XIX, em calçada alta, cujo acesso é por uma escadaria em semicírculo, impressiona pela sua grandeza e notabiliza-se pelo elemento raro na arquitetura, que é o pátio interno, tendo vinte e cinco quartos, três salas grandes e vários banheiros. A edificação sofreu alteração em sua arquitetura original, hoje se encontra abandonada em ruínas. A Capela, de estilo neoclássico,

possui uma porta central arqueada, frontão com adornos e cornija, à sua frente, encontramos, no meio de duas palmeiras imperiais, as ruínas da base do seu cruzeiro e ao seu redor observamos outras construções, que servem hoje como moradia para os trabalhadores.

Casa-Grande do Engenho Sapucaji

Situa-se a 1,2 km da sede do município, além dos acessos urbanos pelos bairros da Vila Operária e do Riacho do Navio. A casa-grande foi construída na segunda metade do século XIX, mais precisamente no ano de 1862 e possui quinze quartos, dez banheiros, duas salas grandes e uma capela do lado esquerdo, representando um dos marcos da arquitetura rural de Pernambuco, configurando-se em um dos mais belos exemplares. Tem grande valor turístico, principalmente por ser mobiliado com móveis de sua época, o que embeleza ainda mais o seu valor histórico. Ao seu redor, há árvores de grande porte, gramíneas e plantas ornamentais e seu acesso é ladeado por palmeiras imperiais, que valorizam a paisagem.

Mencionaremos ainda outros engenhos e o estado de conservação dos seus casarões:

Em perfeito estado:

- Casa grande do Engenho Barra, Conceição, Refresco, Mussú, Beija-flor, Canto Escuro, Campestre, Frexeiras Velha e Jaguaribe.

Em estado regular:

- Casa grande do Engenho Cotegy,

Em ruínas

- Casa grande do Engenho Alegria, Crimeia, Cachoeira Tapada, Pirauira, Sibiró Grande, Três Braços, Massauassu, Limão,

Demolidas

- Casa grande do Engenho Noruega, Bosque, Taquara, Martelo, Arimunã, Limoeirinho,

Roteiro de orientação didática

Título da atividade: Como preservar e conhecer os patrimônios históricos de Escada?

Público: Alunos do Ensino fundamental II e Ensino médio

. **Exemplo:** 8º e 9º - Ensino médio

Objetivo: Identificar, conhecer e preservar os bens históricos de Escada ainda existentes.

Tempo: Em torno de 08 aulas.

Total de participantes: Equipes de 6 alunos com as turmas de 8º e 9º do Ensino Fundamental e grupos de 5 alunos com as turmas do Ensino Médio.

Disciplinas envolvidas: História e Geografia

Descrição da atividade:

1. Fazer um levantamento dos bens que não foram descritos na área urbana, fazendo um histórico, considerando: a época da construção, primeiros proprietários, função do prédio na época de sua construção, função atual, importância para o município e sugestões para sua preservação;

2. Catalogar e fotografar os prédios que não foram mencionados, onde possam ser identificados alguns traços da antiga arquitetura na zona urbana;

3. Identificar e descrever alguns prédios que foram demolidos para novas construções na área urbana de Escada que tinham valor histórico e cultural;

4. Fazer um levantamento geográfico, onde se encontra e encontram-se os bens da zona rural e urbana de Escada. (ex: Latitude, hidrografia, longitude, solo, vegetação, plantação e aspectos físicos);

5. Visitar o Museu Cícero Dias, Câmara Municipal, Cartório, Biblioteca Municipal;

6. Orientação para busca de respostas as seguintes questões: Existe uma Lei de tombamento em Escada? Como tombar esses monumentos? Qual a importância deles para o município? Como classificar um monumento como patrimônio histórico e cultural? O que significa a palavra preservação e como devo agir para preservar? Como reconhecer os estilos arquitetônicos e classifica-los?

7. Fazer um levantamento histórico e bibliográfico dos bens mencionados da zona rural.

Dicas de pesquisa: Pesquisas com os familiares, descendentes e atuais proprietários desses bens, livros, artigos, dissertações e Trabalhos de Conclusão de Curso sobre a temática.

Formas de avaliação: Avaliação de conhecimento oral e escrita, apresentação de seminários, mesa redonda e documentários.

Dicas de leituras:

- Livro: Escada, Riqueza de Pernambuco, José Luis Minduca, 2011, Editora: Gráfica e editora Sousa.
- Livro: Lendas, Mitos e Historias da Terra dos Barões, Mariinha leão, 2001, Livro: Engenho e Arquitetura, Geraldo Gomes, editora Massagana, 2013.
- Livro: Reflexões de Narciza Cristina. Blog: Escada Resgatando Nossa Historia, 2013. App, Memórias de Escada 2017.

Referências

GOMES, Geraldo. **Engenho e Arquitetura**. 1ª Reimpresão. Recife: Fundaj, Massagana, 2013.

LEÃO, Mariinha. **Lendas, Mitos e Histórias da Terra dos Barões**. 2ª ed. Escada: Gráfica Seriarte, 2001

MINDUCA, José Luis. **Escada, Riqueza de Pernambuco**. 2ª ed. Escada: Gráfica e Sousa, 2011.

ESTUDO E ANÁLISE CRÍTICA/ INTERPRETATIVA DO HINO DO MUNICÍPIO DE ESCADA – PE: UMA PROPOSTA DIDÁTICA REFLEXIVA

Marcelo Ricardo Moreira²³

Apresentação

São diversos os aspectos que evidenciam a história de cada município, trazendo traços culturais, linguísticos, turísticos, sociais, políticos e econômicos. Dentre tantos, elencamos o hino, que retrata, de forma musicada e com uma linguagem rebuscada, engrandecimento ao município e a caracterização de um povo que integra a historicidade de luta e de conquista de cada cidade.

Nesse sentido, os hinos dos municípios configuram-se em uma excelente ferramenta didática para atividade de análise interpretativa, pois possibilita ao discente um estudo vocabular, a fim de reconhecer o sentido do conjunto lexical utilizado e a partir disso desenvolver uma análise interpretativa, identificando a intencionalidade discursiva do texto e a história local nele trazida. É fazer, com isso, o indivíduo não apenas decodificar a letra do hino, mas interpretá-la e associá-la à memória de sua ci-

²³ Graduado em Letras, especialista em leitura e produção textual, professora da rede estadual e privada do município de Escada, professor do curso de administração da FAESC, Acadêmico efetivo da AELE, escritor e pesquisador na área de linguagens.

dade.

O trabalho que não valoriza tal ferramenta, distancia a população do verdadeiro sentido do hino que a representa, fazendo com que a letra seja cantada porque há uma exigência cívica, por exemplo, mas a essência, a carga semântica que concederá o entendimento do que se lê, não se faz presente e estaremos formando cidadãos sem o reconhecimento de sua identidade histórica.

Percebe-se que o hino do nosso município, de autoria e melodia da historiadora Mariinha Leão, não é conhecido por toda população, fala-se conhecido no sentido de lê-lo, compreendê-lo e associá-lo a aspectos sócio-históricos do nosso povo, não só sabendo cantá-lo, mas também vivê-lo. Observa-se que mesmo sendo parte educativa do indivíduo, nosso hino ainda se encontra distante do contexto escolar, o que também distancia os estudantes da oportunidade de estudo sobre ele. Para tanto, este capítulo propõe discussões e práticas reflexivas para o efetivo trabalho com o hino do município de Escada-PE, que traz as belezas da cidade, compreendendo a sua relevância tanto para a construção histórica e social da população, quanto para o aprimoramento vocabular, uma vez que será o pontapé inicial para a prática de leitura, pesquisa e análise interpretativa.

1.1 Letra do hino do município de Escada - PE

Letra e música: Maria José Leão Portela Gomes (Mariinha Leão)

Despontaste audaz e alvissareira
Ó inefável, cidade hospitaleira.

O teu nome Escada enaltece
O teu povo e a Pátria Brasileira.
Despontasfe audaz e alvissareira
Ó inefável, cidade hospitaleira.

Tuas ínvias matas verdejantes
O fulgor e limpidez do teu rio
Os primórdios irmãos ameríndios
Da lembrança, a bravura e o brio.

Os barões, engenhos e casarios
Belas paisagens de canaviais
Para orgulho dos nossos ancestrais
Foste Princesa dos Canaviais.

Tua história ostenta conquistas
Um passado de luta e vitória.
Mas também tu tiveste momentos
De infortúnio em tua trajetória.

Ouves logo o brado do teu povo
Destemido e cheio de clamor.
Que anseia um progresso contínuo
E recrudesça assaz o labor.
Ó insigne cidade que apraz,
de outrora guardas a memória.
cujo tempo não apaga jamais,
tua história, tradição e glória.

<http://www.escadaresgatandonossahistoria.blogspot.com.br/2018/04/>

1.2 Como ensinar e aprender sobre o nosso município: uma proposta didática para o trabalho docente

Público

Ensino Fundamental – Anos Finais.

Objetivos

- **Geral:** Propiciar ao estudante momentos de estudo, análise e discussões sobre a essência comunicativa evidenciada no hino do município de Escada-PE, a partir da busca pelos significados das palavras que o compõem.

- Específicos

Desenvolver análise crítica/interpretativa sobre o hino do município;

Reconhecer os aspectos históricos e sociais do município evidenciados no hino.

Tempo

Um mês (sendo adaptável de acordo com as necessidades).

Disciplinas envolvidas

- Língua Portuguesa, História Local e Arte

Descrição das atividades

Atividade 01 – Descobrindo a história da cidade

Solicitar aos discentes que realizem pesquisas bibliográficas e entrevistas com famílias históricas do município, a fim de levantar dados sobre a cidade para que no

encontro posterior à solicitação haja um debate sobre a história do município, deixando que cada estudante exponha sua descoberta. Nesse momento, deve estar presente a Historiadora Mariinha Leão, para que possa palestrar acerca da historicidade de Escada-PE.

Essa atividade auxiliará no momento em que haja análise interpretativa da letra do hino, levando o estudante a perceber que nele constam várias situações históricas e sociais da época.

Atividade 02 – Análise da letra do hino do município

Distribuir uma cópia da letra do hino aos estudantes, organizar a turma para entoação do hino e em seguida cada estrofe deve ser lida por um integrante da turma. Após, deve-se instigar o grupo a expor suas ideias acerca do texto o que pode apresentar lacunas na compreensão, uma vez que há palavras de significados desconhecidos. Em seguida, dividir a sala em 06 (seis) grupos, correspondentes ao número de estrofes do hino, distribuir dicionários e pedir que sublinhem as palavras cujos significados sejam por eles desconhecidos e posteriormente pesquisem o significado.

Atividade 03 – Interpretação e criticidade em relação ao hino após reconhecimento do significado de algumas palavras

Nesta aula haverá a retomada dos grupos da aula anterior e na lousa o (a) professor (a) reescreverá o hino, utilizando os significados da pesquisas realizadas e posteriormente já abre a discussão em relação à interpreta-

ção e criticidade. É o momento em que os discentes farão associações da história do município já estudada com o discurso trazido no hino. Explorar dos estudantes a ideia geral apresentada no texto, a que faz referência, o que se conta na história da cidade que é contemplado no hino.

Atividade 04 – Práticas de escrita e oralidade

Solicitar aos estudantes um comentário expondo sua interpretação para cada estrofe do hino e em seguida estruturar uma socialização em sala para que cada um possa expor suas reflexões acerca do texto, associando cada estrofe a um cenário histórico do município.

Atividade 05 – Trabalhando o gênero Paródia

Analisar paródias em relação a aspectos estruturais, discursivos e intencionais, distribuir cópias pra leitura coletiva e estudo das características específicas do gênero.

Atividade 06 – Produção de Paródia

Produzir uma paródia tomando por base o hino do município, com a seguinte regulamentação de conteúdo:

Produzir uma paródia em que o conteúdo evidenciado seja acerca de situações vividas na cidade, no cenário atual.

Atividade 07 - Leitura

Cada estudante lerá sua paródia e após essa etapa serão realizadas as comparações do que é trazido no texto

original e na paródia construída na turma. É momento de reflexão: o que mudou? O que cada um explicitou no seu texto que difere do hino em versão original, em relação a conteúdo temático?

Atividade 08 – Produção artística

Em tela de pintura, cada equipe (conforme dividido na aula 02) representará em forma de imagem a estrofe analisada. Ao término, expor os quadros de acordo com a ordem das estrofes, transmitindo assim a mensagem do hino em forma de linguagem não verbal.

Momento para culminância

Montar um coral na turma para entoação do hino. Atentar-se a vestes, harmonia e estrutura organizada.

Formas de avaliação

A avaliação será individual e contínua, levando em consideração a participação dos estudantes no processo de desenvolvimento das atividades, assiduidade e responsabilidade na condução das etapas, cumprindo-as no tempo determinado.

Esta obra foi composta em Book Antiqua
E impressa pela Inovação gráfica e editora
Em off-set. Miolo 138 pág – Papel Off-set LD 75g.
Capa: Supremo 250g/laminação brilho
Para a Edições Rascunhos em novembro de 2018

Não encontrando esta obra nas livrarias, solicite-a diretamente
à editora ou a entidade

edicoesrascunhos@hotmail.com
aele.escada@gmail.com
www.aele-escada.blogspot.com.br

